



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2022/23
2º LEVANTAMENTO

NOVEMBRO 2022

**VOLUME 10
NÚMERO**

2

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Marcos Montes Cordeiro

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Augusto Sanches Ribeiro

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Vinicius Morelli

Diretor-Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

José Jesus Trabulo de Sousa Júnior

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sergio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Candice Mello Romero Santos

Gerência de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Rafael Rodrigues Fogaça

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Gerência de Núcleo de Informações Agropecuárias (Geinf)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Juarez Batista de Oliveira
Luciana Gomes da Silva
Marco Antonio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macedo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe técnica da Geinf

Felipe Barros de Sousa
Ivanilde Coelho dos Santos
Régia Mara Rosa Neves

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Allan Silveira dos Santos (Sugof), Andrea Cristina Rodrigues Fortes (Gerpa), Bernardo Nogueira Schlemper (Gedea), Bruno Pereira Nogueira (Suest – algodão), Cleverson Henrique de Freitas (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gerpa – feijão), João Marcelo Brito Alves de Faria (Gedea), Juliana Pacheco de Almeida (Gedea), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz)

Núcleo de Informações Agropecuárias

Ademir Luiz Kaefer, Adilson Valnier, Airton Santos de Azevedo, Alexandre Augusto Pantoja Cidon, Allan Vinícius Pinheiro Salgado, Arthur Ramon De Andrade Rodrigues, Bábiton Leone de Oliveira Herculano, Benedito Castro de Sousa, Bruno Eduardo Dias Oliveira, Charles Erig, Clarissa de Albuquerque Gomes, Cristina Bobrowski Diniz, Eneide Schütz dos Santos, Eugênio de Souza Viana, Everton Farias Xavier, Fausto Carvalho Gomes de Almeida, Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Fernando Henrique Vidal Lage, Fernando Junior Magalhães Carneiro, Flávio José Goulart, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Francisco dos Reis Lopes Neto, Gabriel Moraes Costa, Gerson Menezes de Magalhães, Gilberto de Sousa e Silva, Herivelton Marculino da Silva, Ismael Cavalcante Maciel Junior, Jair Ilson dos Reis Ferreira, João Francisco Slusarz, Joctã Lima do Couto, Jorge Luis Cunha, Lucas Côrtes Rocha, Luciana Dall’Agnese, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Matheus Carneiro de Souza, Matias Jose Fuhr, Michel Fernandes Lima, Miriane Fávaro, Neodir Luiz Talini, Pedro Jorge Benício Barros, Pedro Pinheiro Soares, Renato Martins da Silva, Rodrigo Martinelli Slomoszynski, Rogério de Souza Silva, Rubens Cruz Praude, Rúbia Padilha Purcino, Sérgio Alberto Queiroz Costa, Simone do Nascimento Luz, Taise Pacheco Paganini, Valmir Barbosa de Sousa, Zirvaldo Zenid Virgolino.

Superintendências regionais

Alagoas, Amazonas, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Tocantins.

Colaboradores das superintendências

Adriano Jorge Nunes dos Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Lourival Barbosa de Magalhães, e Ilo Aranha Fonseca (AL); Glenda Queiroz (AM); Rogério César Barbosa e Sírio José da Silva Júnior (GO); Margareth de Cássia Oliveira Aquino (MA); Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende e Samuel Valente Ferreira (MG); Getúlio Moreno Peixoto, Mário Adriano Silva Moreira, Marcelo de Oliveira Calisto e Edson Yui (MS); Alexandre Rocha Pinto, Carlos Roberto Bestetti, Iure Rabassa Martins, Márcio Renan Weber Schorr (RS); João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Bruno Milhomem, Jorge Antônio de Freitas Carvalho e Roosevelt Caetano da Silva (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bônco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ); Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2022/23
2º LEVANTAMENTO

Copyright © 2022 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Marília Malheiro Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 10, safra 2022/23, n. 2 segundo levantamento, novembro 2022.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
15	INTRODUÇÃO
17	ANÁLISE CLIMÁTICA
24	ANÁLISE DAS CULTURAS
24	ALGODÃO
27	ARROZ
34	FEIJÃO
46	MILHO
57	SOJA
68	TRIGO
74	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
80	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

A segunda previsão para a safra de grãos 2022/23 indica mais um crescimento na agricultura brasileira, no que se refere à área de plantio e à produção, constituindo-se mais uma estimativa de recorde.

Os plantios das culturas de primeira safra avançam, dependentes das condições climáticas em cada região. A expectativa para toda a safra é que sejam cultivados 76,8 milhões de hectares, representando crescimento de 3,2% ou de 2,35 milhões hectares sobre a área da safra 2021/22. Vale ressaltar que no Brasil, considerando a sua vasta extensão territorial, há o cultivo de três safras agrícolas em períodos distintos. A semeadura das culturas de primeira safra ocorre entre o final de agosto e dezembro. As culturas de segunda e terceira safras e as de inverno, que somam 23,6 milhões de hectares, com os plantios a partir de janeiro, são cultivadas na mesma área em sucessão à colheita das culturas de primeira safra, sobretudo da soja. Assim, para todas as culturas são utilizados 53,2 milhões de hectares.

Para a safra que se inicia, a segunda estimativa indica um volume de produção de 313 milhões de toneladas, 15,5% ou 42 milhões de toneladas, superior ao obtido em 2021/22. Neste início de novembro, a semeadura avança, e as atenções se voltam para a evolução das lavouras.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

plantada em comparação ao ano passado, principalmente pela ampla concorrência de cultivos mais rentáveis recentemente, como soja e milho.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2021/22 e 2022/23					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 21/22	Safra 22/23	VAR. %	Safra 21/22	Safra 22/23	VAR. %	Safra 21/22	Safra 22/23	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(a)	(b)	(b/a)	(a)	(b)	(b/a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.600,4	1.642,2	2,6	2.321	2.590	11,6	3.715,1	4.253,5	14,5
ALGODÃO - PLUMA	1.600,4	1.642,2	2,6	1.593	1.815	13,9	2.550,1	2.979,9	16,9
AMENDOIM TOTAL	200,1	212,1	6,0	3.732	3.782	1,4	746,7	802,3	7,4
Amendoim 1ª Safra	193,0	205,0	6,2	3.805	3.856	1,3	734,5	790,5	7,6
Amendoim 2ª Safra	7,1	7,1	-	1.725	1.656	(4,0)	12,2	11,8	(3,3)
ARROZ	1.618,3	1.517,3	(6,2)	6.667	7.012	5,2	10.788,8	10.639,5	(1,4)
Arroz sequeiro	316,0	292,7	(7,4)	2.493	2.442	(2,0)	787,6	714,7	(9,3)
Arroz irrigado	1.302,3	1.224,6	(6,0)	7.680	8.104	5,5	10.001,2	9.924,8	(0,8)
FEIJÃO TOTAL	2.859,3	2.781,6	(2,7)	1.046	1.043	(0,3)	2.989,9	2.899,9	(3,0)
FEIJÃO 1ª SAFRA	909,3	831,6	(8,5)	1.035	1.073	3,7	940,8	892,5	(5,1)
Cores	356,3	325,1	(8,8)	1.558	1.624	4,2	555,1	527,8	(4,9)
Preto	152,3	135,2	(11,2)	1.281	1.588	23,9	195,1	214,6	10,0
Caupi	400,7	371,3	(7,3)	476	404	(15,2)	190,6	150,0	(21,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.419,4	1.419,4	-	945	912	(3,5)	1.341,5	1.293,9	(3,5)
Cores	363,7	363,7	-	1.556	1.445	(7,1)	566,0	525,5	(7,2)
Preto	233,6	233,6	-	1.591	1.460	(8,3)	371,6	341,0	(8,2)
Caupi	822,1	822,1	-	491	520	5,8	404,0	427,5	5,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	530,6	530,6	-	1.333	1.344	0,9	707,3	713,5	0,9
Cores	449,4	449,4	-	1.472	1.486	0,9	661,6	668,1	1,0
Preto	16,7	16,7	-	537	536	(0,3)	9,0	9,0	-
Caupi	64,5	64,5	-	571	568	(0,4)	36,8	36,7	(0,3)
GERGELIM	213,9	213,9	-	519	519	-	110,9	110,9	-
GIRASSOL	39,5	41,7	5,6	1.042	1.448	38,9	41,1	60,4	47,0
MAMONA	48,9	50,1	2,5	894	770	(13,8)	43,7	38,5	(11,9)
MILHO TOTAL	21.580,9	22.325,0	3,4	5.228	5.662	8,3	112.832,4	126.397,3	12,0
Milho 1ª Safra	4.550,7	4.409,8	(3,1)	5.500	6.384	16,1	25.026,8	28.153,3	12,5
Milho 2ª Safra	16.369,3	17.254,3	5,4	5.230	5.580	6,7	85.613,5	96.271,2	12,4
Milho 3ª Safra	660,9	660,9	-	3.317	2.985	(10,0)	2.192,0	1.972,5	(10,0)
SOJA	41.492,0	43.242,3	4,2	3.026	3.551	17,3	125.549,8	153.538,2	22,3
SORGO	1.072,3	1.054,3	(1,7)	2.719	2.815	3,5	2.916,1	2.968,2	1,8
SUBTOTAL	70.725,6	73.080,5	3,3	3.672	4.128	12,4	259.734,5	301.708,7	16,2
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2021	2022	VAR. %	2021	2022	VAR. %	2021	2022	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(c)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(c)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	503,4	498,3	(1,0)	2.271	2.359	3,9	1.143,2	1.175,6	2,8
CANOLA	39,1	55,2	41,2	1.399	1.509	7,9	54,7	83,3	52,3
CENTEIO	4,7	5,3	12,8	2.340	2.340	-	11,0	12,4	12,7
CEVADA	111,5	118,8	6,5	3.812	4.182	9,7	425,0	496,8	16,9
TRIGO	2.739,3	3.051,5	11,4	2.803	3.114	11,1	7.679,4	9.500,9	23,7
TRITICALE	15,1	18,1	19,9	2.848	3.193	12,1	43,0	57,8	34,4
SUBTOTAL	3.413,1	3.747,2	9,8	2.741	3.023	10,3	9.356,3	11.326,8	21,1
BRASIL (2)	74.472,8	76.827,7	3,2	3.640	4.075	12,0	271.061,3	313.035,5	15,5

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2022.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados						Safras 2021/22 e 2022/23		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 21/22	Safra 22/23	VAR. %	Safra 21/22	Safra 22/23	VAR. %	Safra 21/22	Safra 22/23	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4.159,5	4.493,6	8,0	3.440	3.393	(1,4)	14.307,2	15.247,2	6,6
RR	124,7	149,7	20,0	3.745	3.636	(2,9)	467,0	544,3	16,6
RO	790,1	818,4	3,6	3.951	4.024	1,9	3.121,7	3.293,4	5,5
AC	62,5	68,9	10,2	2.976	2.787	(6,4)	186,0	192,0	3,2
AM	19,6	14,6	(25,5)	2.439	2.507	2,8	47,8	36,6	(23,4)
AP	9,9	9,9	-	2.061	2.101	2,0	20,4	20,8	2,0
PA	1.368,1	1.496,3	9,4	2.849	2.905	2,0	3.897,1	4.346,4	11,5
TO	1.784,6	1.935,8	8,5	3.680	3.520	(4,4)	6.567,2	6.813,7	3,8
NORDESTE	9.197,4	9.403,4	2,2	2.934	2.963	1,0	26.982,3	27.863,3	3,3
MA	1.833,0	1.906,5	4,0	3.725	3.745	0,5	6.828,7	7.140,4	4,6
PI	1.717,7	1.788,4	4,1	3.504	3.501	(0,1)	6.018,0	6.261,9	4,1
CE	932,0	944,3	1,3	693	715	3,2	646,1	675,5	4,6
RN	102,2	102,3	0,1	501	522	4,2	51,2	53,4	4,3
PB	219,5	219,5	-	527	513	(2,5)	115,6	112,7	(2,5)
PE	480,4	481,0	0,1	453	536	18,3	217,5	257,7	18,5
AL	75,4	75,8	0,5	1.066	1.536	44,0	80,4	116,4	44,8
SE	192,1	192,1	-	4.881	5.199	6,5	937,6	998,7	6,5
BA	3.645,1	3.693,5	1,3	3.316	3.316	-	12.087,2	12.246,6	1,3
CENTRO-OESTE	32.305,4	33.744,3	4,5	4.267	4.391	2,9	137.844,5	148.176,3	7,5
MT	19.235,6	20.323,9	5,7	4.496	4.426	(1,6)	86.484,3	89.946,4	4,0
MS	5.944,8	6.161,7	3,6	3.658	4.080	11,5	21.743,6	25.137,2	15,6
GO	6.947,6	7.074,3	1,8	4.150	4.549	9,6	28.834,4	32.183,0	11,6
DF	177,4	184,4	3,9	4.409	4.933	11,9	782,2	909,7	16,3
SUDESTE	6.577,7	6.716,3	2,1	4.053	4.231	4,4	26.662,4	28.413,6	6,6
MG	4.072,0	4.190,9	2,9	4.131	4.373	5,9	16.820,1	18.327,1	9,0
ES	23,0	23,0	-	2.165	2.187	1,0	49,8	50,3	1,0
RJ	3,0	3,0	-	3.133	3.033	(3,2)	9,4	9,1	(3,2)
SP	2.479,7	2.499,4	0,8	3.945	4.012	1,7	9.783,1	10.027,1	2,5
SUL	22.232,8	22.470,1	1,1	2.936	4.154	41,5	65.264,9	93.335,1	43,0
PR	10.729,8	10.908,9	1,7	3.161	4.150	31,3	33.922,2	45.275,6	33,5
SC	1.433,8	1.388,8	(3,1)	4.149	5.025	21,1	5.948,3	6.979,2	17,3
RS	10.069,2	10.172,4	1,0	2.522	4.038	60,1	25.394,4	41.080,3	61,8
NORTE/NORDESTE	13.356,9	13.897,0	4,0	3.091	3.102	0,4	41.289,5	43.110,5	4,4
CENTRO-SUL	61.115,9	62.930,7	3,0	3.760	4.289	14,1	229.771,8	269.925,0	17,5
BRASIL	74.472,8	76.827,7	3,2	3.640	4.075	11,9	271.061,3	313.035,5	15,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2022.



INTRODUÇÃO

Com a evolução da semeadura, novos indicativos de área semeada aparecem neste segundo levantamento de safra. O foco deste boletim é a área semeada. Como parte da metodologia já utilizada há alguns anos, os dados de produtividade, por cultura e por estado, foram estimados com base em modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos nos dão muita segurança metodológica. Salientamos que não utilizamos produtividades recordes nem aquelas que se assemelham à quebra de safra. Entretanto, todas as produtividades são definidas num cenário de clima favorável para cada cultura. A partir do próximo boletim, quando as culturas já estiverem implantadas e sujeitas às condições climáticas, novos dados de produtividade serão incorporados às nossas tabelas.

Ressalva para as culturas de inverno, que ainda não estimamos a safra 2023, somente a partir de fevereiro.

Os dados numéricos pormenorizados podem ser baixados em forma de planilha em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>.

Na medida do possível, são destacadas nas análises estaduais os eventos

mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, conclusão de colheita, eventos climáticos severos ou inserção de novas culturas no estado.

Sempre recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola, publicado regularmente em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/monitoramento-agricola> e do Progreso de Safra, disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progreso-de-safra> para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE OUTUBRO

Em outubro de 2022, os maiores acumulados de chuva foram registrados principalmente entre Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, com volumes que ultrapassaram 400 mm, além de áreas do oeste da Região Norte, com acumulados maiores que 150 mm. Já em grande parte dos estados da Região Nordeste, os volumes de chuva não chegaram a 40 mm, o que impactou negativamente os níveis de água no solo.

Na Região Norte, os maiores acumulados de chuva foram superiores a 150 mm, principalmente no Amazonas, Acre, Rondônia e oeste do Pará, mantendo os níveis de armazenamento de água no solo elevados. Nas demais áreas, os acumulados de chuva foram inferiores a 150 mm, entretanto foram responsáveis pela elevação dos níveis de água no solo, principalmente no leste do Pará e em Tocantins.

Em parte da Região Nordeste foram registrados baixos acumulados de chuva, em torno de 30 mm, enquanto em áreas do norte da região não houve precipitação. Na região do Sertão, a condição de baixos volumes de

¹ Cleverson Henrique de Freitas – Agrometeorologista Consultor FUNDECC/Inmet - Brasília.

chuva favoreceu a maturação e a colheita do feijão e do milho terceira safra, enquanto no Matopiba houve um ligeiro aumento do armazenamento de água no solo. No entanto, na costa sul da Bahia foram observados volumes de chuva superiores a 120 mm, mantendo altos níveis de água no solo.

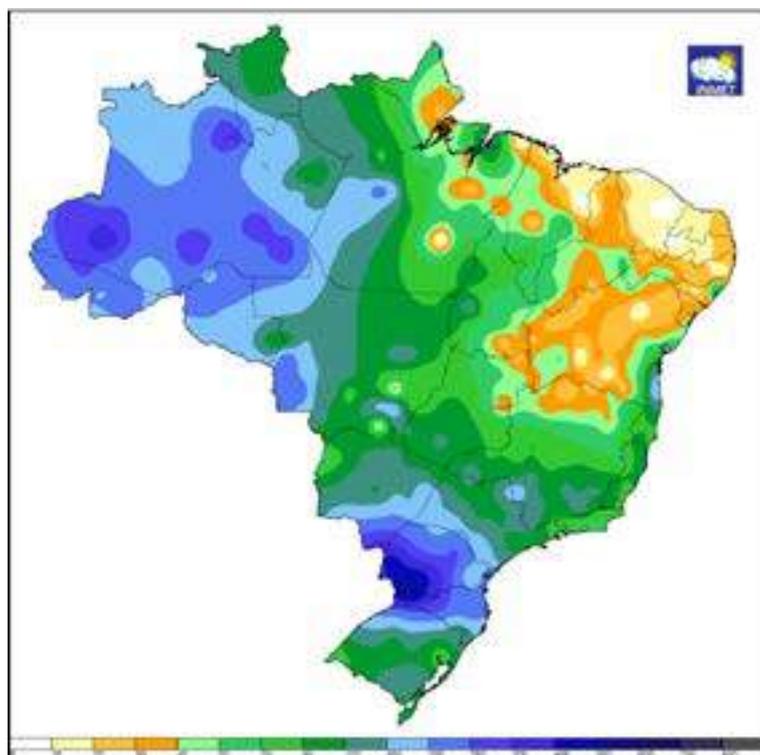
Na Região Centro-Oeste foram registrados volumes de chuva em parte da região, com destaque para as áreas do oeste de Mato Grosso e centro-sul de Mato Grosso do Sul, com acumulados superiores a 150 mm, o que foi importante para a elevação do armazenamento de água no solo e benéfico para o início da safra de grãos 2022/23. Nas demais áreas, a precipitação acumulada ficou entre 40 mm e 130 mm, o que também foi responsável pelo ligeiro aumento da umidade do solo. Já em parte do Distrito Federal e nordeste de Goiás, os volumes de chuva não ultrapassaram 40 mm.

Em parte do centro-sul da Região Sudeste foram observados volumes de chuva acima de 90 mm, ocasionando elevação do armazenamento de água no solo e que tem sido importante para o início da safra de verão. Já em áreas do norte de Minas, os acumulados de chuva foram inferiores a 40 mm, mantendo ainda baixos os níveis de umidade no solo.

Na Região Sul foram registrados volumes de chuva significativos em praticamente toda a região, com acumulados que ultrapassaram 400 mm no oeste do Paraná e de Santa Catarina, o que impactou negativamente as práticas de manejo e as fases finais da cultura do trigo, além da implantação e estabelecimento das culturas de verão. No Rio Grande do Sul, com exceção do extremo-norte do estado, os volumes de chuva foram inferiores a 120 mm, ocasionando uma ligeira redução dos níveis de água no solo, principalmente em áreas do sudoeste.

Em relação à temperatura do ar, em outubro as temperaturas foram ligeiramente mais quentes que no mês anterior, não sendo registrados casos de geada nas estações do Inmet, além de não terem sido observados danos significativos às culturas.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM OUTUBRO DE 2022



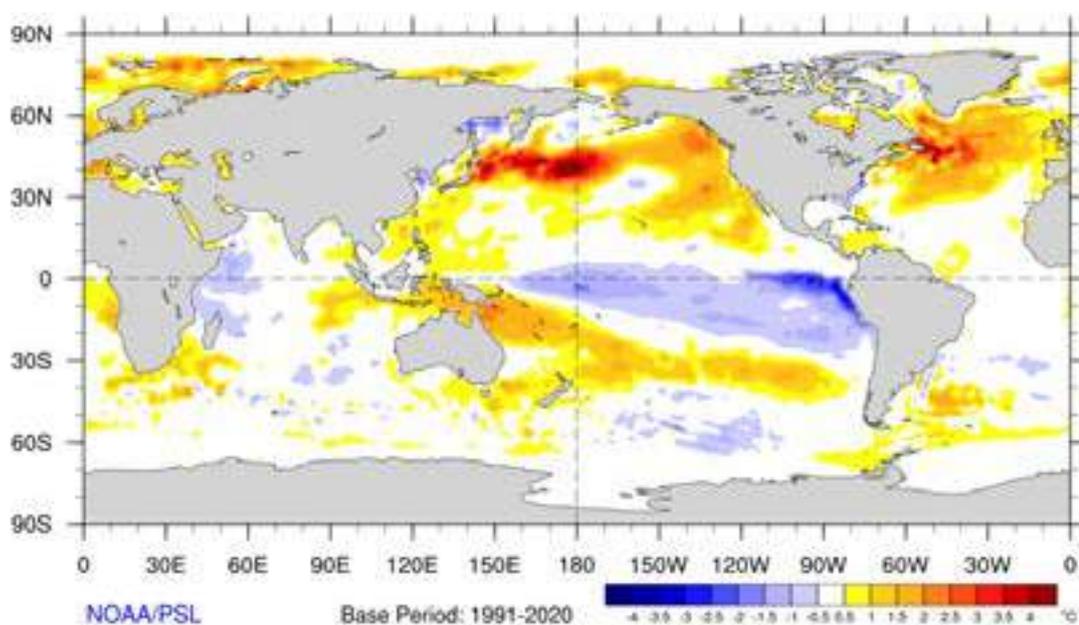
Fonte: Inmet.

CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 2 e 29 de outubro de 2022. Na parte Central do Pacífico Equatorial houve predomínio de anomalias negativas de até -1°C , chegando a valores menores que -2°C na costa oeste da América do Sul, indicando a persistência de temperaturas mais frias nestas regiões. Já na região do Niño 3.4 (área entre 170°W e 120°W), a anomalia média de TSM durante outubro permaneceu negativa, indicando a persistência de uma La

Niña com intensidade fraca e com valores de anomalia em torno de $-0,8\text{ }^{\circ}\text{C}$. Entretanto, nos últimos dias do mês houve uma tendência de diminuição das temperaturas, chegando a uma anomalia de cerca de $-1\text{ }^{\circ}\text{C}$.

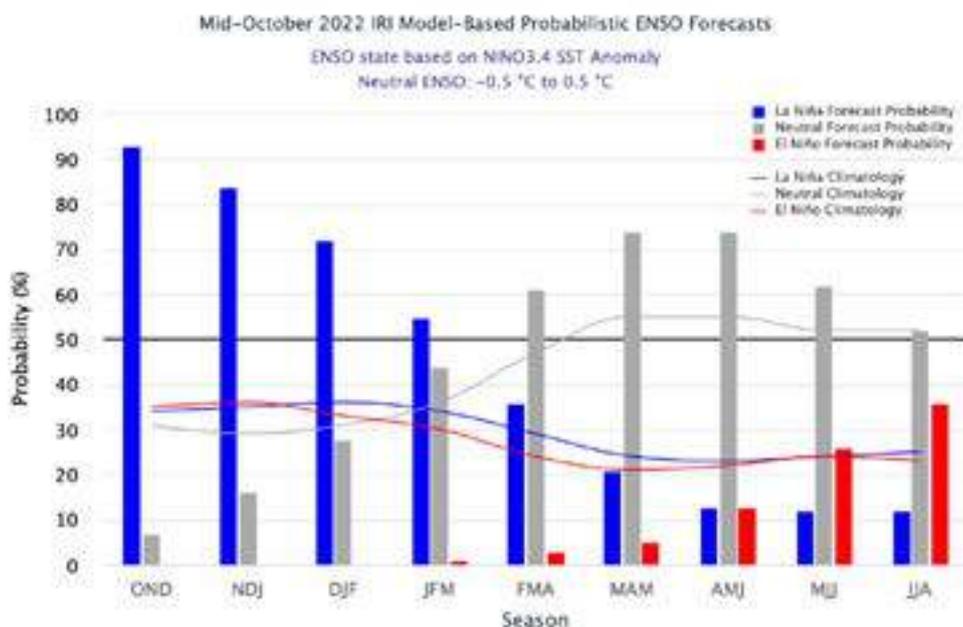
FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 2 E 29 DE OUTUBRO DE 2022



Fonte: NOAA/PSL.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), indica que as condições de La Niña ainda devem permanecer durante o final da primavera e início do verão (novembro de 2022 a janeiro de 2023), com probabilidade de 84%. As chances de continuidade do fenômeno reduzem para 72% no trimestre seguinte (dezembro de 2022 a fevereiro de 2023), entretanto os modelos sinalizam uma possibilidade de transição para a neutralidade a partir de março.

GRÁFICO 1 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI.
 Disponível em: <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2022 E JANEIRO DE 2023

As previsões climáticas para os próximos três meses, segundo o modelo estatístico do Inmet, são mostradas na figura abaixo. Para a Região Norte há previsão de chuva acima da média climatológica, com exceção de áreas do sul do Pará, sudoeste do Amazonas, Acre e Rondônia, onde a previsão indica uma tendência de chuvas dentro ou abaixo da média.

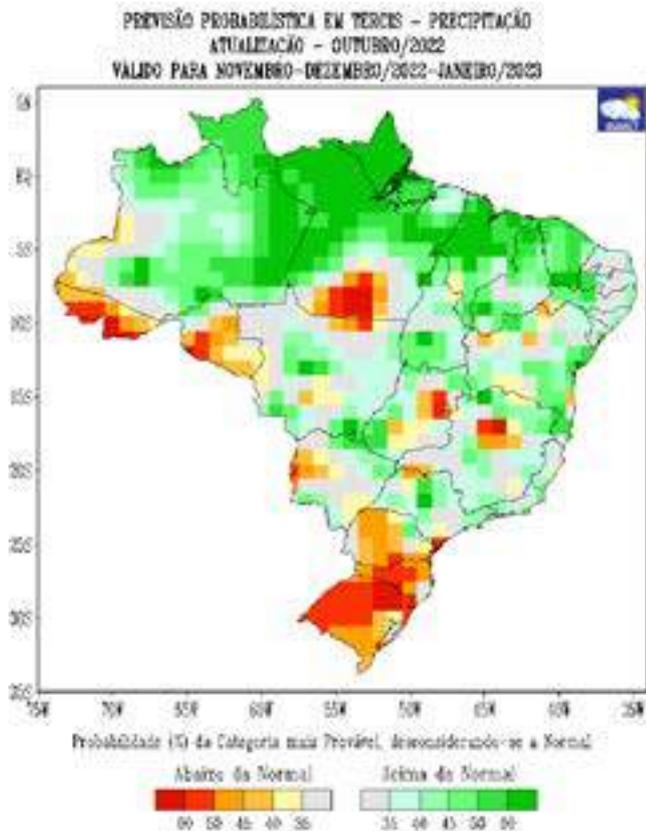
Para a Região Nordeste, o modelo continua indicando chuvas dentro ou acima da média climatológica em praticamente toda a região. Em áreas do Matopiba, o início da safra pode ser marcado por chuvas dentro ou acima da média climatológica, principalmente em novembro e dezembro, o que será favorável para a elevação dos níveis de água no solo, com destaque para áreas do oeste da Bahia e em Tocantins, e poderá favorecer o estabelecimento e as fases iniciais das culturas.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, a previsão trimestral indica chuvas dentro ou ligeiramente acima da média em grande parte da região, com exceção de áreas centrais de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, além do Distrito Federal e áreas do extremo-sul de São Paulo, Triângulo Mineiro e central de Minas Gerais, onde há previsão de chuvas dentro ou abaixo da climatologia. Entretanto, em novembro há previsão do início da estação chuvosa, o que será importante para a elevação do armazenamento de água no solo em áreas que vem apresentando deficit hídrico, beneficiando o estabelecimento das fases iniciais das culturas de verão no campo, como a soja, milho, feijão e algodão.

Na Região Sul, a previsão da continuidade de condições de La Niña nos próximos meses pode influenciar na redução das chuvas em grande parte da região, basicamente em novembro e dezembro, principalmente no Rio Grande do Sul, como é indicado pelo prognóstico climático, impactando negativamente as culturas que se encontrarem em fases fenológicas mais sensíveis. No entanto, no Paraná e em Santa Catarina, os grandes acumulados de chuva que tem sido observados nos últimos meses mantiveram os níveis de água no solo, e as chuvas abaixo da média previstas pelo modelo contribuirão para a redução do excedente hídrico, o que pode favorecer as culturas de verão, como soja, milho e feijão. Já para as culturas de inverno, como o trigo e a aveia, o tempo seco poderá favorecer as fases finais, como a maturação e a colheita.

Em relação à temperatura média do ar, há previsão de temperaturas dentro ou acima da média climatológica em grande parte do país, com exceção de áreas do leste do Brasil, compreendendo uma faixa que vai de Santa Catarina à Bahia, onde há previsão de temperaturas dentro ou abaixo da média, principalmente em novembro.

FIGURA 3 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2022 E JANEIRO 2023



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet, <https://portal.inmet.gov.br>.

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.642,2 mil ha
+2,6%

PRODUTIVIDADE

1.815 kg/ha
+13,9%

PRODUÇÃO

2.979,9 mil t
+16,9%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.340,9 mil t
PRODUÇÃO 2.979,9 mil t
IMPORTAÇÕES 2,0 mil t
4.322,8 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 720 mil t
EXPORTAÇÕES 1.978 mil t
2.698 mil t

Embora esteja em período de vazio sanitário, prevê-se para a cultura de algodão um aumento de 2,6% da área cultivada, em relação à safra passada, totalizando 1.642,2 mil hectares. As lavouras na Bahia e no Mato Grosso, estados com maior representatividade na produção de algodão, iniciarão suas semeaduras entre final de novembro e início de dezembro



Foto 1 - Unidade beneficiadora - algodão - Serra do Ramalho/BA

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

Apesar do cenário nacional e mundial apresentarem sinais de retração, os produtores de algodão ainda estão dispostos a ampliarem suas áreas, conforme dados levantados pela Conab. A boa rentabilidade da cultura e a ampliação das vendas no mercado internacional, devido à conquista e fidelização de novos clientes, ainda incentiva o setor. Assim, dados colhidos pela Conab para este segundo levantamento indicam que a produção do algodão em pluma deverá atingir 2,98 milhões de toneladas. Isso representa um crescimento de 16,9% da produção em relação à safra 2021/2022.

Conforme dados do Ministério da Economia, em outubro de 2022, foram exportadas 260,1 mil toneladas de algodão, ao preço médio de US\$ 2.095,5 a tonelada. Em comparação ao mesmo período do ano passado, quando foram exportadas 203,1 mil toneladas ao preço médio de US\$ 1.715,8 a tonelada, houve um crescimento de 28% do volume e 22% do preço. A previsão para o ano de 2023 é que sejam exportadas 1.978 mil toneladas, contra 1.902 mil toneladas de 2022, o que dá um crescimento de 4% do volume. Caso ocorra melhora do cenário econômico mundial, é possível uma revisão desse valor.

No mercado doméstico, os compradores estão retraídos. Receosos, diante de uma recessão que reduz a demanda por seus produtos, adquirem o suficiente para atender apenas as suas necessidades imediatas, pressionando os preços. Já os vendedores procuram manterem-se firmes em suas posições, evitando vendas a preços abaixo do valor pedido. Este cenário tem deixado o mercado bastante lento, com poucos negócios realizados e em menores volumes. Mesmo assim, ainda se espera aumento do consumo interno para 720 mil toneladas, o qual poderá ser ainda maior caso ocorra melhora na economia nacional e mundial. Assim, na safra 2022/23, os estoques devem finalizar em 1,6 milhão de toneladas, o que representa crescimento de 21,17% em relação à safra 2021/22.

TABELA 3 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2014/15	652,3	1.562,8	2,1	2.217,2	670,0	834,3	712,9	
2015/16	712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1	
2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1	
2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9	
2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7	
2019/20	1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	600,0	2.125,4	1.764,9	
2020/21	1.764,9	2.359,0	4,6	4.128,5	720,0	2.016,0	1.392,5	
2021/22	1.392,5	2.553,4	2,0	3.947,9	705,0	1.902,0	1.340,9	
2022/23	out/22	1.392,5	2.550,1	2,0	3.944,6	705,0	1.902,0	1.337,6
	nov/22	1.340,9	2.979,9	2,0	4.322,8	720,0	1.978,0	1.624,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2022.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.517,3 mil ha
- 6,2%

PRODUTIVIDADE

7.012 kg/ha
+ 5,2%

PRODUÇÃO

10.639,5 mil t
-1,4%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 2.120,9 mil t

PRODUÇÃO 10.639,5 mil t

IMPORTAÇÕES 1.150 mil t

13.910,4 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 10.600 mil t

EXPORTAÇÕES 1.300 mil t

11.900 mil t

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: houve significativo avanço na semeadura nas áreas produtoras do estado, apesar da dificuldade enfrentada no início do mês devido à alta umidade nas áreas onde as precipitações foram muito intensas. As áreas da região sul apresentam 95% das lavouras semeadas, as quais apresentaram desenvolvimento lento devido às baixas temperaturas. Na região da Campanha houve relatos do uso do processo de banho nas lavouras para emergência, uma vez que a falta de umidade em alguns lugares desfavoreceu o desenvolvimento da cultura. Contudo, as chuvas na região foram satisfatórias para o período, e a semeadura atinge 80% da área. Na Fronteira Oeste as lavouras apresentam excelente estande, sinalizando uma boa safra. O abastecimento hídrico das regiões apresenta volumes excelentes para um bom manejo. Há indicativos de diminuição significativa da área nesta safra referente à safra passada, tendo relação com o baixo valor de mercado do cereal e do alto custo de produção, do avanço do milho e, principalmente, do avanço da soja em áreas de várzea, que historicamente foram semeadas apenas com arroz.

Santa Catarina: a estimativa inicial da safra aponta para estabilidade da área e leve retração da produtividade, visto que no último ciclo a produtividade

ficou acima da média. Até o momento, 92% da área estimada de arroz para o estado já foi semeada e 99,17% estão em boas condições.

Maranhão: no plantio de arroz irrigado, cultivado em municípios da Baixada Maranhense, no norte do estado e do Médio Mearim, no centro do estado em virtude do extenso período de plantio, as lavouras se encontram nos diversos estádios fenológicos. Há uma previsão de redução de área em relação à safra 2021/22 em razão de alto custo de produção da cultura e menor recurso de investimento para o produtor, em consequência de perda significativa da produção de arroz de sequeiro da safra 2021/22 devido ao excesso de chuvas. A semeadura do arroz de sequeiro no estado ainda não teve início.

Tocantins: devido aos baixos volumes de precipitações registrados até o momento, o plantio se encontra em ritmo lento e/ou até suspenso. Nas regiões que apresentaram chuvas, houve início da semeadura e as lavouras estão em boas condições de desenvolvimento. Há estimativa de retração de área de arroz irrigado, com substituição pelas culturas de milho primeira safra e soja. Os preços do arroz em casca não sofreram alta, mesmo em época de entressafra, e os custos de produção elevaram, o que compromete a margem do produtor. Quanto ao cultivo do arroz de sequeiro, o plantio ainda não foi iniciado.

Goiás: os volumes de chuva, até o momento, ocorrem dentro da normalidade na região, e a semeadura avança com celeridade nas regiões produtoras. O desenvolvimento das plantas é considerado satisfatório, com as fases mais adiantadas em enchimento de grãos.

Paraná: a maior parte das áreas irrigadas já foram semeadas, estando nos estágios de germinação ou desenvolvimento vegetativo. Até o momento, as condições climáticas têm contribuído para um bom desenvolvimento da

cultura. Quanto ao arroz de sequeiro, as parcelas já semeadas se encontram nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo. Até agora, a maior parte das lavouras implantadas apresentam um bom desenvolvimento, porém a baixa luminosidade e temperatura começam a prejudicar o desenvolvimento da cultura.



Fonte: Conab.

Amazonas: em áreas de sequeiro, embora se tenha um bom regime de chuvas, o fator limitante para o cultivo de novas áreas está na competição de área de soja, que possuem maior rentabilidade e mercado menos instável.

Sergipe: atualmente a colheita se encontra com 57% já concluída, enquanto o restante das áreas está em desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e uma pequena parte em maturação, em virtude do atraso na semeadura, provocado pelo excesso de chuvas nos meses anteriores ao momento do plantio.

Rio Grande do Norte: a cultura é praticamente plantada em tabuleiros irrigados e/ou áreas que ficam parcialmente alagadas (várzea) no período das chuvas. Os gastos com energia elétrica nas áreas de tabuleiro irrigado estão bem elevados, podendo haver substituição de área plantada de arroz por milho na região produtora.

Mato Grosso do Sul: as precipitações recorrentes do período mantiveram as várzeas encharcadas, ocorrendo atraso na semeadura. Estima-se que apenas 40% das lavouras foram implantadas, até o momento. A baixa luminosidade também retardou o desenvolvimento dos arrozais, apesar de se esperar recuperação com a diminuição do volume de chuvas. Há água abundante para manutenção da lâmina de irrigação em todas as regiões, o que tem ajudado no controle de plantas daninhas. Nesse levantamento foi constatado uma redução muito significativa nas áreas destinadas ao cultivo do arroz devido aos altos custos para a produção do cereal e os valores estagnados de comercialização, propiciando o plantio de outras culturas que apresentam maior rentabilidade. Também foi constatado que os proprietários de terras arrendadas não estão renovando os contratos com arroteiros, uma vez que as margens de lucro com outros cultivos, principalmente com a soja, são maiores.

Minas Gerais: a expectativa é de redução das áreas cultivadas com o cereal em, aproximadamente, 12% no estado. As lavouras de sequeiro devem reduzir, em média, 28,5% em relação à safra passada. Já para as áreas irrigadas, é esperado um aumento de 2,7% em relação à safra passada.

Pará: o arroz de sequeiro ainda não foi plantado, aguardando o início do período de chuvas. Quanto ao arroz irrigado, a semeadura foi concluída, e a lavoura está em desenvolvimento. Uma parte deste plantio já atinge o estágio de floração e enchimento de grãos. As condições de cultivo são

satisfatórias, com muita luminosidade e chuvas em volumes propícios. Para esta safra houve redução na área em comparação a safra passada, pois o alto custo de produção e os preços de venda não satisfatórios influenciaram consideravelmente na diminuição do plantio.

Rondônia: de forma geral, o regime de chuvas tem sido melhor que a safra passada. As lavouras se encontram em fase de emergência. O uso de cultivares mais produtivas impactará na redução da área cultivada, mas sem redução expressiva na produção.

Alagoas: ocorreram intensas chuvas provocando atraso no plantio, o que favoreceu as lavouras apresentarem diferentes fases fenológicas, desde lotes já colhidos até áreas ainda a semear, com 80% das lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2022/23										
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
TO*	Ocidental do Tocantins			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR*	Noroeste Paranaense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
SC*	Norte Catarinense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Vale do Itajaí	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sul Catarinense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		

RS*	Centro Ocidental Rio-grandense	PS	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	PS	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Metropolitana de Porto Alegre	PS	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (*)irrigado

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2022/23 de arroz será 1,4% menor que a safra 2021/22, projetada em 10,6 milhões de toneladas. Esse resultado é reflexo principalmente da estimativa de significativa redução de área em meio à reduzida rentabilidade projetada para o setor, com a menor atratividade financeira do setor orizícola em relação às culturas concorrentes por área, como a soja e o milho.

Especificamente sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste segundo levantamento, estima-se uma queda do consumo nacional para 10,6 milhões de toneladas, nas safras 2021/22 e 2022/23, em razão da perspectiva de recuperação econômica, dado o fato do arroz possuir uma elasticidade-renda negativa. Sobre a balança comercial, estima-se importações nacionais em 1,15 milhão de toneladas. Sobre as exportações, na safra 2021/22, com um significativo volume exportado nos últimos meses, a projeção é que o ano encerre com uma exportação de 1,9 milhão de toneladas. Para a safra 2022/23, em meio a um cenário projetado de menor disponibilidade de grão e provável melhores preços internos, estima-se uma retração do volume comercializado com o mercado externo para 1,3 milhão de toneladas. Com isso, a perspectiva é de leve retração do estoque de passagem para 2 milhões de toneladas ao final de 2023.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11096,6	935,5	1.736,9
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12215,7	868,8	2.121,9
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10708,3	1.813,4	1.887,5
2020/21	1.887,5	11.766,4	1.004,1	14.658,0	10832,4	1.143,5	2.682,1
2021/22	2.682,1	10.788,8	1.150,0	14.620,9	10600,0	1.900,0	2.120,9
2022/23	out/22	2.270,9	10.757,2	1.100,0	14.128,1	10800,0	1.928,1
	nov/22	2.120,9	10.639,5	1.150,0	13.910,4	10600,0	2.010,4

Nota: Estimativa em novembro/2022.

Estoque de passagem - Arroz: 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.781,6 mil ha
-2,7%

PRODUTIVIDADE

1.043 kg/ha
-0,3%

PRODUÇÃO

2.899,9 mil t
-3%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 199 mil t

PRODUÇÃO 2.899,9 mil t

IMPORTAÇÕES 100 mil t

3.198,9 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 2.850 mil t

EXPORTAÇÕES 150 mil t

3.000 mil t

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2022/23

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: grande parte da área prevista para o plantio da cultura já se encontra semeada, restando aquelas regiões de cultivo tradicionalmente mais tardio ou aqueles locais que tiveram dificuldades na execução das atividades de semeadura em decorrência do excesso de chuvas.

A maior parte das lavouras apresentam as condições gerais boas, até o momento, mas existem ressalvas importantes para algumas áreas, especialmente devido ao excesso de chuvas e às baixas temperaturas, que corroboram para aumento na incidência de algumas doenças, favorecidas pela grande umidade, além de atraso no desenvolvimento vegetativo das plantas, especialmente pelo frio.

São Paulo: o excesso de umidade e as temperaturas médias abaixo das normais para a época têm promovido menor desenvolvimento e, conseqüentemente,

aumento no ciclo da cultura, o que pode causar reduções na produtividade. O ciclo segue em andamento e em estágios bem avançados, já com colheita em execução e devendo se intensificar nas próximas semanas.

Vale destacar a redução considerável de área plantada no estado em comparação à temporada anterior, principalmente pela maior concorrência do cultivo com graníferas mais rentáveis, como a soja.

Minas Gerais: a semeadura avança, tanto para as áreas irrigadas quanto para as manejadas em sequeiro, com auxílio das chuvas recentes. Há expectativa de redução na área plantada em comparação a 2021/22, especialmente em razão de substituição de áreas por cultivo de soja, atrelada à maior rentabilidade atual dessa última.

Goiás: a maioria das lavouras já semeadas está em boas condições, com algumas delas em situação de exceção (classificadas como regulares), por serem impactadas com chuvas excessivas no início do ciclo e, mais recentemente, terem enfrentado um cenário de restrição hídrica moderada, além de temperaturas elevadas, visto que as chuvas estão retornando em novembro, devendo minimizar os impactos da escassez hídrica.

As operações de plantio estão em estágio bem avançado, e devem ser concluídas ainda em novembro. Vale ressaltar a perspectiva de expressiva redução na área plantada em relação à temporada 2021/22, principalmente pela maior concorrência com o cultivo de soja. Alto custo de produção do feijão, maior rentabilidade para a soja e os riscos inerentes à produção do feijão corroboram para esse cenário.

Distrito Federal: plantio das áreas irrigadas finalizado, com algumas das lavouras já em fase de floração e formação de vagens. Para o cultivo em sequeiro, as operações devem começar somente a partir de novembro, estando

condicionado pelas condições climáticas, em especial o acúmulo de umidade nos solos.

Santa Catarina: a estimativa atual aponta para diminuição na área plantada, comparando-se a 2021/22, em reflexo do aumento nos custos de produção e da redução das cotações do produto nos últimos meses. As operações de semeadura já iniciaram nas regiões mais quentes e de menor altitude do estado, mas a previsão é que a janela de plantio perdure até dezembro. Assim, os produtores estão cautelosos em relação ao avanço do plantio por conta das temperaturas ainda baixas e da perspectiva de possíveis frentes frias que poderão trazer geadas em pontos de maior altitude. Por ser uma cultura muito sensível às baixas temperaturas, as lavouras já implantadas não estão apresentando ótimo desenvolvimento inicial, o que pode impactar no potencial produtivo.

Outras Unidades da Federação que se destacam na produção do feijão-comum cores na primeira safra e que devem iniciar e/ou intensificar o seu ciclo nas próximas semanas, são: Bahia, Pará, Mato Grosso e Rio Grande do Sul.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: houve evolução na semeadura da cultura, mesmo em meio a um outubro chuvoso, que impôs certas restrições às operações de plantio. Ainda restam áreas a ser plantadas, mas devem ser concluídas nas próximas semanas.

Quanto às lavouras já implantadas, a maioria está enquadrada em boa condição de desenvolvimento, mas há uma parcela em situação regular e outra menor em um cenário ruim, especialmente pelo excesso de chuvas registrado em algumas regiões e pelas baixas temperaturas, atreladas a

dias mais nublados que, juntos, impactaram, direta e indiretamente, na evolução fisiológica das plantas. A perspectiva é por um clima mais estável que permita boas condições nas fases mais agudas do ciclo.

Rio Grande do Sul: as temperaturas mais frias e as chuvas em excesso tiveram impacto negativo sobre algumas lavouras em relação ao desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e à diminuição do metabolismo decorrentes das temperaturas mais frias, que diminuiu o potencial de rendimento da cultura. Além disso, a grande umidade atrapalha as atividades de plantio e também tornam o microclima mais favorável a patógenos causadores de doenças. O tempo ameno/frio e nublado, associado ao molhamento foliar, também favoreceu a proliferação e incidência de doenças, como a antracnose. O controle da doença é feito nas áreas com adoção de pacote tecnológico de alto investimento. O controle das plantas invasoras também tem sido realizado pelos agricultores, tendo a condição de precipitações periódicas dificultado na entrada das máquinas nas lavouras e à obtenção de bons resultados. A operação de semeadura avançou significativamente em setembro e na primeira metade de outubro, mas depois diminuiu a intensidade. Algumas regiões do estado já encerraram a semeadura, como é caso do norte do Planalto Médio e Alto Uruguai. Da área total prevista, já foram implantadas 75% das lavouras em todo estado. Nas áreas já implantadas, observa-se que as lavouras semeadas no início da janela estão com 10% em enchimento de grãos, florescimento em 28%, desenvolvimento vegetativo em 50% e emergência em 12%.

Santa Catarina: a estimativa atual aponta para diminuição na área plantada, comparando-se a 2021/22, em reflexo do aumento nos custos de produção e da redução das cotações do produto nos últimos meses. As operações de semeadura já iniciaram nas regiões mais quentes e de menor altitude do estado, mas a previsão é que a janela de plantio perdure até dezembro.

Assim, os produtores estão cautelosos em relação ao avanço do plantio por conta das temperaturas ainda baixas e da perspectiva de possíveis frentes frias que poderão trazer geadas em pontos de maior altitude. Por ser uma cultura muito sensível às baixas temperaturas, as lavouras já implantadas não estão apresentando ótimo desenvolvimento inicial, o que pode impactar no potencial produtivo.

Além desses estados ainda há previsão de produção do feijão-comum preto de primeira safra em Minas Gerais, Espírito Santo, Distrito Federal e Rio de Janeiro.

FEIJÃO-CAUPI

Áreas em planejamento de plantio ou até em efetiva implantação das lavouras, principalmente no Norte e Nordeste brasileiro. A previsão geral é que sejam semeados 371,3 mil hectares com o feijão-caupi, nesta primeira safra de 2022/23, com destaque para os cultivos no Piauí e na Bahia, que, juntos, devem representar mais de 80% dessa área nacional.

Tocantins: com as primeiras chuvas iniciadas a partir da segunda quinzena de setembro, os produtores começaram as operações de plantio do feijão-caupi de primeira safra no estado, principalmente em áreas de várzea no oeste tocantinense – Lagoa da Confusão, mesmo que de forma tímida. No geral, não houve muita regularidade dessas precipitações em outubro, o que dificultou o avanço mais expressivo da semeadura. As lavouras já implantadas seguem em desenvolvimento vegetativo e apresentam, até o momento, boas condições gerais, mesmo com algum período sem chuvas.

Quanto à intenção de plantio, espera-se para esta safra uma redução significativa na área semeada em comparação a 2021/22, com substituição de áreas para o cultivo de milho, principalmente.

Pernambuco: cultivo concentrado na região do agreste pernambucano, com muitas lavouras já em fases iniciais de floração e, a maioria, em desenvolvimento vegetativo. No geral, são áreas de baixo emprego de tecnologia e pouco uso de insumos. As sementes empregadas variam desde grãos até cultivares de ciclo médio a médio precoce. É frequente a realização de aplicações de defensivos agrícolas, a qual, em algumas lavouras, chega a uma periodicidade semanal. Tais aplicações visam combater pulgões, principal praga da cultura na região.



Foto 3 - Feijão-caupi - Pernambuco

Fonte: Conab.

Bahia: o plantio ainda não foi iniciado, mas as operações devem começar ainda em novembro. A perspectiva prévia é de leve aumento na área semeada em comparação a 2021/22, especificamente no centro-sul do estado, em virtude das boas condições climáticas, principalmente pluviométrica, além de preços considerados atrativos. Esse cultivo está atrelado a pequenos e médios produtores que, tradicionalmente, produzem a cultura na região sem muita tecnificação.

Piauí: previsão de início da semeadura apenas para final de novembro/começo de dezembro.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2022/2023									
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/N/C	EG/M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E/DV	F/EG	M/C				
	Norte Mato-grossense				S/E/DV	F/EG	M/C				
GO	Leste Goiano			S/E	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Sul Goiano			S/E	DV/F	EG/M	M/C				
	Norte Goiano			S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C			
DF	Distrito Federal				S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C			
	Noroeste de Minas				S/E	F/EG	EG/M/C	C			
MG	Norte de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C			
	Oeste de Minas			S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
	Campo das Vertentes			S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
	Zona da Mata			S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
	Bauru	PS	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
SP	Assis	S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Itapetininga	S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Central Paranaense		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
PR	Norte Pioneiro Paranaense		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense		S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Oeste Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
SC	Norte Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Serrana		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Noroeste Rio-grandense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
RS	Nordeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semearia; (S)=semearia; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

Os estoques remanescentes da terceira e última safra, da temporada 2021/22, são suficientes para atender a demanda interna. Outubro encerrou com um significativo volume de sobras de mercadorias, devido ao baixo interesse de compras. Os comerciantes passaram a adquirir o mínimo necessário, apenas para honrar os seus compromissos, esperando por uma reação do setor varejista que anda muito devagar.

Se a estabilidade dos preços já não agradava o setor, agora, com um modesto aumento das cotações no período do plantio, observou-se certa frustração no mercado em razão das poucas oportunidades de ganho, especialmente para os produtores e empresas empacotadoras.

O abastecimento do mercado se encontra normal, e o predomínio da oferta continua sendo do tipo comercial, proveniente, na maioria, das regiões de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. O ingresso da produção oriunda da safra de inverno é suficiente para suprir o mercado, em vista da demanda bastante retraída.

Apesar da manutenção dos preços verificada nessas últimas semanas, a expectativa é que os valores continuem atrativos em virtude da pouca oferta para atender o consumo interno até o final do ano. No momento, o mercado opera com baixos estoques e sujeito à demanda varejista, com as atenções focadas no clima e na entrada de mercadorias a partir de novembro, o que deverá posicionar melhor o mercado.

A colheita da nova safra 2022/23, ainda pouca expressiva, está evoluindo

gradativamente em São Paulo. Diante dessa situação, os compradores se sentem numa situação cômoda para programar suas compras, aguardando, até mesmo, o incremento da oferta de feijão novo, escasso no mercado, acreditando que, caso não ocorram problemas severos de ordem climática e/ou expressivo aquecimento da demanda, a tendência é que os preços fiquem nos atuais patamares, com melhoria na qualidade do grão.

No entanto, agentes de mercado acreditam que, com a finalização da safra de inverno em outubro e, com o clima dificultando o avanço do plantio na Região Sul, existe a possibilidade de reação nos preços.

É importante deixar claro que os preços de mercado se mostram remuneradores, e a expressiva correção aplicada pelo governo federal aos preços mínimos que entrarão em vigor a partir de novembro, passando de R\$ 116,75 para R\$ 208,92 a saca do comum cores, e de R\$ 126,33 para R\$ 210,30 a saca do comum preto, oferecem uma maior estabilidade para os produtores.

O estoque inicial para o ano-safra 2022/23 é considerado baixo para o abastecimento do mercado até o final deste ano. Assim, para complementá-lo, durante o período em questão, o mercado ficará na dependência da produção de São Paulo, único estado que concentra a sua colheita (primeira safra), entre novembro e dezembro. A produção paulista está estimada em 96,2 mil toneladas, 16,3% abaixo do volume registrado na safra anterior. Cabe esclarecer que, com exceção dos demais estados, São Paulo tem a maior parte da produção obtida por meio de irrigação, mas até mesmo nessas áreas podem ocorrer problemas em razão das adversidades climáticas.

Contudo, o atual quadro de oferta, cada vez mais enxuto, deverá continuar deixando o produto com preços remuneradores, e a expectativa é de um mercado mais movimentado em novembro e boa parte de dezembro, pois

as ofertas não atendem a contento a demanda dos mercados regionais, e as colheitas em curso não são suficientes para a formação de estoques. Assim, as cotações devem continuar oscilando de acordo com a quantidade ofertada e a procura, com possibilidade de preços mais elevados, caso ocorram uma maior demanda ou problemas na safra paulista, e do Sul do país.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado em São Paulo, o mercado está um pouco mais firme, e apesar da pouca oferta no disponível, a demanda segue retraída. O mercado é abastecido com produto proveniente da safra nacional e da Argentina, e os produtores daquele país estão cientes que o Brasil só terá um quadro de maior oferta a partir de dezembro, quando for intensificada a colheita da primeira safra ou safra das águas, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Apesar da pouca oferta do produto, os compradores, a exemplo do carioca, estão demandando apenas o necessário para pronto atendimento.

INTENÇÃO DE PLANTIO – TEMPORADA 2022/23

Apesar do quadro indefinido, a Intenção de plantio da primeira safra 2022/23, realizada por técnicos da Conab, na última semana de outubro, apurou queda de 2,7% na área a ser plantada em relação à safra anterior. Os principais fatores responsáveis por este comportamento são: os baixos preços recebidos pelos produtores, notadamente o comum preto, custos elevados de produção, insegurança na comercialização e os riscos climáticos.

No Sul do país, a semeadura está atrasada em virtude das condições climáticas adversas. Lá, a área destinada à primeira safra é inferior em 9,1% à safra anterior. Deste total, cerca de mil hectares ocorrem com a cultivar carioca e 14,6 mil hectares com o comum preto. Muitos produtores estão

migrando para a cultura da soja, por ser mais rentável e de menor risco climático.

SUPRIMENTO

Para a elaboração do balanço de oferta e demanda para 2022/23, estimou-se a primeira safra em 892,5 mil toneladas. Esse volume de produção, somado aos estoques remanescentes da terceira safra, serão suficientes para abastecer o mercado interno até março próximo, considerando os atuais níveis de consumo. Para as duas outras safras, cujo plantio normalmente tem início em janeiro de 2023 (segunda safra ou safra da seca), e abril (terceira safra ou safra de inverno), foram considerados praticamente os mesmos volumes de produção registrados na temporada anterior. Computando as três safras, o trabalho de campo chega em um volume médio de produção estimado em 2,9 milhões de toneladas, 3% inferior à anterior.

Em se tratando da balança comercial, o aumento nas importações é reflexo do câmbio favorável em relação ao exercício de 2021, e a qualidade da mercadoria argentina, vez que o produto nacional foi bastante prejudicado pelo excesso de chuva no período de colheita. Quanto às exportações, em 2021, o Brasil bateu o recorde, com um quantitativo de 222 mil toneladas de feijão-caupi. Este ano, Mato Grosso, maior estado exportador, reduziu pela metade o plantio e, conseqüentemente, a produção, em detrimento principalmente ao milho, reduzindo expressivamente o volume de vendas externas.

Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 199 mil toneladas, o consumo em 2,85 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas, e as exportações em 150 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 198,9 mil toneladas.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3050,0	162,4	287,4
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3050,0	164,0	240,7
2019/20	240,7	3.222,1	113,6	3.576,4	3150,0	176,6	249,8
2020/21	249,8	2.893,8	81,3	3.224,9	2893,8	222,0	109,1
2021/22	109,1	2.989,9	100,0	3.199,0	2850,0	150,0	199,0
2022/23	out/22	109,1	2.988,2	100,0	3.197,3	2850,0	197,3
	nov/22	199,0	2.899,9	100,0	3.198,9	2850,0	198,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2022.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

22.325,0 mil ha
+3,4%

PRODUTIVIDADE

5.662 kg/ha
+8,3%

PRODUÇÃO

126.397,3 mil t
+12,0%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 7.614,2 mil t
PRODUÇÃO 126.397,3 mil t
IMPORTAÇÕES 2.500 mil t
136.511,5 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 81.750 mil t
EXPORTAÇÕES 45.000 mil t
126.750 mil t

ANÁLISE ESTADUAL

MILHO PRIMEIRA SAFRA

Rio Grande do Sul: a cultura já está com 78% da área prevista implantada. As precipitações têm boa periodicidade, praticamente semanal, e com volumes satisfatórios, condição favorável para a realização dos tratos culturais da cultura no Noroeste, Planalto Médio e Planalto Superior. Na maioria das áreas os agricultores já realizaram o controle pós-emergente das plantas invasoras e, ao menos, uma aplicação de fertilizante nitrogenado. Na região do Alto Uruguai, as lavouras apresentam excelente aspecto e elevado potencial produtivo. No Planalto Médio foi registrado granizo nos dias 10 e 11 de outubro, causando quebras de folhas das plantas, mas tem se observado que em razão do vigor das plantas está ocorrendo o rebrote das folhas e espera-se que a influência do evento na produtividade seja baixo. Assim, mantemos a estimativa da produtividade do milho em 7.012 kg/ha. Após o surto de cigarrinhas ocorrido no início da janela de semeadura, as temperaturas amenas de setembro, aliadas aos controles efetuados pelos agricultores, diminuíram a pressão do inseto sobre as lavouras. Observa-se ainda que, as temperaturas frias/amenas refletiram numa diminuição

do porte das plantas, porém sem influência da produtividade da cultura os técnicos não acreditam que isso possa influenciar na produtividade da cultura, haja vista que a população estabelecida nas lavouras é adequada, o estado fitossanitário é adequado, e o controle das plantas invasoras, bem como a aplicação de fertilizante nitrogenado foram feitos com êxito. O potencial de rendimento instalado nas lavouras continua alto, porém a maioria das áreas deve entrar em florescimento em novembro e dezembro e necessitarão de precipitações volumosas. Atualmente, a cultura já apresenta 4% das áreas em floração, restando 92% em estágio de desenvolvimento vegetativo e 4% ainda em emergência

Paraná: até o momento, foi semeada 46% da área prevista para cultivo, uma que as áreas já implantadas se encontram no estágio de emergência/germinação e desenvolvimento vegetativo. O excesso de precipitações provocou erosão em algumas lavouras e atraso no plantio em relação à safra passada. As baixa luminosidade e temperatura, em grande parte do estado, também têm prejudicado a emergência e o desenvolvimento de uma parcela desta cultura.

Santa Catarina: o início da safra catarinense apresentou alguns problemas em virtude das constantes chuvas na primeira quinzena de outubro. Algumas áreas tiveram que ser semeadas novamente. Boa parte das lavouras já recebeu a primeira aplicação de ureia, favorecendo o desenvolvimento das plantas. Contudo, o clima ainda frio é um fator limitante à velocidade de crescimento das plantas, causando um atraso na emergência e no desenvolvimento inicial da cultura. As baixas temperaturas também têm favorecido a germinação de azevém, que vem competindo com a cultura do milho por nutrientes. Com isso, alguns produtores tem que aplicar herbicidas específicos para o controle da infestação. Desta forma, mais de 80% das lavouras estão enquadradas como regulares

Mato Grosso do Sul: a redução da área estimada de semeadura com milho primeira safra é consequência da maior conscientização e receio dos produtores com alta incidência de cigarrinha (*Dalbulus maidis*) ocorrida no ciclo produtivo que se encerrou. As poucas áreas implantadas estão em germinação e desenvolvimento vegetativo primário, sem quaisquer problemas iniciais.

Minas Gerais: a tendência é de queda da área plantada com milho para grãos no estado, com forte migração dessas áreas para a soja, e também para a produção de sementes, já que esse tipo de grão é mais rentável, e as empresas do setor garantem uma renda mínima, mesmo em casos de adversidades climáticas, o que traz maior segurança ao produtor. Essa prática já é comum na região noroeste, em áreas irrigadas, porém nesta safra os produtores de sequeiro também serão beneficiados. Neste levantamento, a previsão de queda das áreas é de 6% em relação à safra passada. Esses índices de queda tendem a aumentar à medida que a semeadura das áreas avance. Algumas lavouras de sequeiro semeadas no início do período chuvoso sofrem neste momento com a interrupção das chuvas, já que as precipitações previstas para os últimos 30 dias não se confirmaram. Ainda não há notícias de danos mais severos, exceto em áreas atingidas por granizo e enxurradas, porém sem grande representatividade no âmbito do estado.



Foto 4 - Milho primeira safra - Campos Gerais/MG

Fonte: Conab.

Goiás: a semeadura iniciou-se em algumas regiões em outubro. Devido à estiagem verificada na segunda e terceira semanas desse mês, nas regiões leste, sul e sudoeste, a semeadura foi suspensa. Porém, a umidade remanescente no solo manteve o desenvolvimento das plantas. Há uma tendência de perda de espaço para a soja em virtude de rentabilidade. Outro fator de desestímulo é a ameaça para a produção trazida pela cigarrinha, que foi uma das causas para o baixo desempenho verificado na segunda safra de 2022. Na região sudoeste, as informações são que os produtores vêm se mobilizando no sentido de adotarem estratégias quanto ao período de cultivo do milho, de modo a evitar a pressão do inseto sobre a próxima segunda safra. Estima-se que no estado em torno de 40% da área esperada de cultivo já esteja semeada, da qual 40% em emergência e 60% já em desenvolvimento vegetativo.

Distrito Federal: a área a ser semeada com milho na primeira safra, cujo plantio normalmente concentra-se em outubro, foi prorrogado para novembro e depende da ocorrência de precipitações mais volumosas que elevem a umidade do solo, criando condições favoráveis ao desenvolvimento da cultura. Os principais produtores de milho primeira safra produzem para consumo próprio e usam os grãos em suas granjas, condição que mantém a estimativa em 16,1 mil hectares, idêntica ao ano anterior. A produtividade média estimada é de 9,5 t/ha.

São Paulo: o excesso de umidade provocado pelas chuvas de alta intensidade e frequência, ao longo de outubro, nas principais regiões produtoras de grãos do estado, atrasaram a semeadura da primeira safra de uma forma geral. O cultivo de primeira safra vem cada vez mais cedendo áreas para a soja, com os produtores preferindo investir no cultivo em segunda safra. Nesta safra está previsto o plantio de 246,3 mil hectares, redução de 26,5% em relação à safra passada.

Bahia: no extremo-oeste baiano, apesar de aumento dos custos de produção, o produtor investiu na abertura de novas áreas e manteve o padrão de investimento observado nos anos anteriores para a produção do cereal. Mesmo com os baixos volumes precipitados, no dia 22 de outubro o plantio foi iniciado, em ritmo abaixo do esperado. A maior parte da cultura está em germinação, e algumas áreas, que optaram pela semeadura em pivô, estão em desenvolvimento vegetativo, apresentando bom desenvolvimento. No centro-norte e centro-sul baiano, o cultivo não foi iniciado, mas as áreas estão prontas para o plantio após a regularização das chuvas. Observou-se limitação para expansão agrícola e concorrência com outras culturas anuais, como cebola, abóbora, mandioca etc., não havendo expansão de área na mesorregião Centro-Norte, uma tendência de redução de área para produção de milho verde ou silagem na região de Macaúbas, compensada por um aumento de área na região de Brumado, sendo previsto um aumento de 1,5% de área na mesorregião Centro-Sul.

Piauí: a cultivo do milho verão no Piauí é dividido praticamente ao meio entre agricultura familiar e empresarial, e disseminada em praticamente todo o estado, mesmo em áreas de clima semiárido. As áreas de agricultura familiar apresentam baixas produtividades por serem cultivadas em áreas que normalmente apresentam restrição hídrica. Já as áreas de agricultura empresarial apresentam altas produtividades por estarem localizadas em áreas que apresentam condições climáticas mais favoráveis e utilizarem alta tecnologia e manejo adequado das lavouras. A cultura terá o início de semeadura em novembro.

Maranhão: a semeadura da primeira safra deve ser realizada a partir de novembro de 2022, especialmente na região sul do estado, uma vez que a prioridade de plantio é da cultura da soja. Nas demais regiões, o plantio ocorrerá entre dezembro de 2022 e início de fevereiro de 2023. A área da

primeira safra de milho estimada é de 302,2 mil hectares. O cultivo do grão acontece com uso de média e alta tecnologia, nas maiores regiões produtoras do estado, principalmente no sul, oeste, centro e leste do estado. A produção da agricultura familiar, em todo estado, possui grande participação das sementes distribuídas pelo Programa Mais Sementes e Mudas do governo do estado. Os pequenos produtores realizam o plantio por intermédio de cultivo em roça no toco e plantio consorciado com outras culturas.

Pará: as áreas começaram a ser preparadas no sudeste do estado, e a janela de plantio se inicia em dezembro. As chuvas ainda são escassas.

Tocantins: o plantio foi iniciado no município da Lagoa da Confusão, visto que uma parte das lavouras semeadas a partir da segunda quinzena de setembro sofreu com os efeitos da estiagem durante outubro na região. A volta das precipitações no final do mês melhoraram a situação, e o plantio deve avançar nas demais regiões, após o plantio da soja.

Rondônia: a cultura está em fase de semeadura e pós-emergência, e as precipitações ocorridas favorecem ao bom desenvolvimento inicial.

MILHO TERCEIRA SAFRA

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2022/2023											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C	C
	Sul Maranhense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		

Continua

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2022/2023											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PI	Norte Piauiense						S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	M/C	C
BA	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	M/C	C
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	M/C	C
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C			
GO	Centro Goiano			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Leste Goiano			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul Goiano			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Noroeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MG	Metropolitana de Belo Horizonte			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Ribeirão Preto			S/E	E/DV/F	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SP	Campinas			S/E	E/DV/F	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga			S/E	E/DV/F	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV/F	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Central Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
PR	Oeste Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SC	Serrana		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
RS	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Alagoas: as lavouras cultivadas em áreas baixas, de solos rasos e mais argilosos, foram mais afetadas pelo expressivo volume de chuvas, provocando arrasto de sementes e inundações. De modo geral, as lavouras apresentam regiões mais e menos afetadas, com plantas raquíticas e abaixo do potencial de desenvolvimento. As operações de manejo de pragas e adubação ficaram comprometidas, considerando que as chuvas frequentes impossibilitavam um manejo eficiente, seja pela perda do momento ideal de aplicação ou pela “lavagem” dos agrotóxicos e fertilizantes aplicados. De modo geral, as lavouras apresentam desenvolvimento satisfatório, frente ao expressivo volume de chuvas. As áreas colhidas até este levantamento apresentam grãos de qualidade inferior (menores e ardidados) ao obtido nas últimas safras. A safra se encontra no início da colheita. Em muitas áreas o grão não apresenta umidade ideal para a colheita, no entanto, com o encerramento das chuvas e elevação da temperatura, em novembro deverá ocorrer o pico de colheita.

Bahia: a produção total prevista para a terceira safra de milho é de 40 mil hectares irrigado, com produção de 456 mil toneladas, e de 274 mil hectares de sequeiro, com produção de 647,7 mil toneladas. No extremo-oeste, a colheita foi finalizada, com produtividade média de 11.400 kg/ha. A colheita de milho de sequeiro terceira safra teve seu início em outubro, quando os grãos atingiram percentual de umidade ideal para colheita e comercialização, tendo sido colhido até o fim do mês em torno de 40% da área, e as lavouras seguem em fase de maturação e colheita, com boa qualidade, sem perdas devido a pragas e doenças.

Pernambuco: na região do agreste pernambucano, as lavouras de milho variam de baixo a alto, no emprego de tecnologia, na proporção de 90% e 10%, respectivamente. Nesse sentido, naquelas áreas onde os recursos tecnológicos são pouco aplicados, a colheita já está finalizada. No geral, a

produtividade ficou em torno de 800 kg/ha, tendo em vista o pequeno uso de insumos e defensivos, além de sementes de menor qualidade. Nessas áreas, o cultivo dá-se, majoritariamente, para subsistência e alimentação de pequenos rebanhos na propriedade. Por outro lado, vem despontando na região lavouras com alto emprego de tecnologia e mecanização. Essas áreas, na safra atual, perfazem, aproximadamente, 3,2 mil hectares. Tais lavouras já atingiram o estágio fenológico de maturidade dos grãos (R6), onde, no momento do levantamento se encontravam com cerca de 24% de umidade. Em razão da inexistência de secadores e como na região a ocorrência de chuvas nesta época do ano é baixa, a secagem dos grãos ocorre no campo, e a colheita inicia-se quando, em média, os grãos estão com 13% de umidade, o que está previsto para a segunda quinzena de novembro. No que diz respeito à qualidade dos grãos, observam-se plantas de estande uniforme, com bom preenchimento das espigas e maior peso dos grãos. Parte dessas áreas, entretanto, foram significativamente afetadas pelo excesso hídrico e pela baixa luminosidade em julho e agosto, o que implicou em perdas de, aproximadamente, 30% na produção inicial das lavouras. Além disso, cerca de 50% das áreas informadas na estimativa inicial do levantamento foram convertidas para fins de silagem em virtude desses fatores climáticos adversos, aliado à valorização do produto na região.

Sergipe: as lavouras em praticamente todas as regiões do estado estão em fase de maturação. Na maioria, os tratos culturais aplicados contribuíram sobremaneira para as excelentes expectativas entre os produtores. No atual momento, a colheita do cereal está em fase inicial e em ritmo desacelerado, por dois fatores: o primeiro é porque o teor de umidade do grão na maioria das lavouras está acima do ideal para armazenamento e comercialização. E o segundo motivo se deve em razão dos baixos preços ora verificados em todo o estado. Devido às excelentes condições das lavouras, com tratos culturais de alta tecnologia, as perspectivas de colheita é de mais de 5.000

kg/ha, na maioria dos municípios, o que podem contribuir para um ligeiro aumento no volume a ser produzido no estado.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho terceira safra - Safra 2021/2022									
		ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
PE	Agreste Pernambucano - PE	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
AL	Sertão Alagoano - AL	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Agreste Alagoano - AL	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
SE	Sertão Sergipano - SE	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Agreste Sergipano - SE	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
BA	Nordeste Baiano - BA	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano - BA	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2022/23, a Conab prevê uma produção total de 126,4 milhões de toneladas, um aumento esperado de 12%, comparando-se à safra anterior. Esse aumento na produção total é resultado do aumento de área de milho segunda safra em conjunto com uma recuperação da produtividade projetada em campo das três safras. Cabe destacar que a Conab projeta um aumento de 3,4% na área plantada e de 8,3% da produtividade do setor.

Em relação aos dados da demanda doméstica, a companhia acredita que 81,8 milhões de toneladas de milho da safra 2021/22 deverão ser consumidos internamente ao longo de 2023, ou seja, um aumento de 6,2%

comparativamente à safra anterior.

Sobre a balança comercial, a Conab projeta uma estabilização do volume de importação total para a safra 2022/23 em 2,5 milhões de toneladas do grão em relação à safra 2021/22. Para as exportações, com a projeção de aquecida demanda externa pelo milho brasileiro produzido na safra 2022/23, a Conab estima que 45 milhões de toneladas sairão do país via portos. Dessa feita, acredita-se que o aumento da produção brasileira, alinhado à maior demanda internacional, deverão promover uma elevação de 16,9% das exportações do grão em 2023. Com isso, o estoque de milho em fevereiro de 2024, ou seja, ao fim do ano-safra 2022/23, deverá ser de 9,8 milhões de toneladas, aumento de 28,2%, comparando-se à safra 2021/22, esse dado indica a recomposição da disponibilidade interna do cereal.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

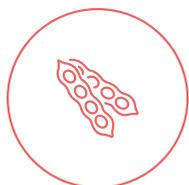
SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2016/17	5.231,4	97.842,8	952,5	104.026,7	57.337,3	30.813,1	15.876,2
2017/18	15.876,2	80.709,5	900,7	97.486,4	59.162,0	23.742,2	14.582,1
2018/19	14.582,1	100.042,7	1.596,4	116.221,2	64.957,8	41.074,0	10.189,4
2019/20	10.189,4	102.586,4	1.453,4	114.229,2	68.662,5	34.892,9	10.673,8
2020/21	10.673,8	87.096,8	3.090,7	100.861,4	72.263,8	20.815,7	7.781,8
2021/22	7.781,8	112.832,4	2.500,0	123.114,2	77.000,0	38.500,0	7.614,2
2021/22	out/22	8.487,0	126.941,5	1.500,0	136.928,5	81.750,0	10.178,5
	nov/22	7.614,2	126.397,3	2.500,0	136.511,5	81.750,0	9.761,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2022.

Estoque de passagem: 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

43.242,3 mil ha
+4,2%

PRODUTIVIDADE

3.551 kg/ha
17,3%

PRODUÇÃO

153.583,2 mil t
22,3%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 3.193,1 mil t
PRODUÇÃO 153.538,2 mil t
IMPORTAÇÕES 500 mil t
157.231,3 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 55.325 mil t
EXPORTAÇÕES 96.624 mil t
151.949 mil t

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a área estimada de soja para esta safra está em 11,76 milhões de hectares, um crescimento de 5,9% em comparação a safra anterior. Esse aumento se deu, principalmente, sobre áreas de pastagens. A condição climática esteve propícia na maioria das regiões, entretanto houve registro de ausência de chuvas por vários dias nas regiões leste e oeste do estado. Isso causou replantios pontuais e a suspensão da semeadura em algumas regiões. A redução no ritmo de plantio pode refletir na semeadura do milho de segunda safra, sobretudo no leste mato-grossense. A maioria das lavouras se encontram no estágio de desenvolvimento vegetativo, com bom vigor na estrutura vegetal.



Foto 5 - Semeadura soja MT

Fonte: Conab.

Paraná: as precipitações frequentes e em grandes volumes atrasaram o progresso do plantio no estado, que se encontra com 46% da área semeada, contra 60% da safra passada. O excesso de umidade no solo e as chuvas constantes provocaram erosões em algumas áreas. As baixas temperaturas, aliadas à pouca radiação solar, na maior parte do estado, têm atrasado a emergência e o desenvolvimento inicial das lavouras. Mesmo assim, parte das lavouras se encontra em boas condições.

Santa Catarina: foi registrado o plantio de 25% da área prevista, estando sua maioria na fase de desenvolvimento vegetativo. As condições das lavouras, até o momento, são regulares, pois as chuvas constantes e as baixas temperaturas retardaram a germinação e desenvolvimento inicial das lavouras.

Mato Grosso do Sul: o clima em outubro foi caracterizado por precipitações frequentes, que resultaram em elevados volumes de chuva acumulados, temperatura amena e grande período nublado. Esses comportamentos atrasaram os trabalhos de semeadura até o segundo decêndio do mês, reduziram o desenvolvimento inicial da soja e aumentaram o rebrote de plantas daninhas de difícil controle, como a buva, capim amargoso e trapoeraba. Há casos pontuais de encharcamento, erosão de solo e chuva de granizo, que causaram necessidade de ressemeaduras, mas não chega a 0,2% da área estadual. Por outro lado, é considerada uma das safras com melhor estande das lavouras dos últimos anos.

A maior estimativa de área cultivada, detectada em relação ao primeiro levantamento realizado em setembro, decorre da adequação de informações em alguns municípios e principalmente pela identificação de cultivos de soja na renovação de canaviais pelas usinas de açúcar e etanol do estado.

As operações de semeadura estão em ritmo intenso, com a ótima umidade no solo e abertura do tempo na semana posterior ao levantamento da safra, o que garantiu que 73% da soja fossem implantadas em outubro. As lavouras estão apresentando excelente estande e baixa incidência de pragas. A principal dificuldade está em controlar a rebrota das plantas daninhas já citadas.



Foto 6 - Soja - Aral Moreira/MT

Fonte: Conab.

Rio Grande do Sul: com o fim do vazio sanitário, a semeadura iniciou de forma lenta em todo o estado. Até final de outubro, as regiões mais adiantadas alcançam 5% da área total prevista, com poucas áreas já ultrapassando a fase de emergência e apenas 30% em desenvolvimento vegetativo. Os agricultores se programam para conciliar a operação com a colheita do trigo (cultura que ocupa aproximadamente 25% da área das propriedades). O atual levantamento mostrou a tendência de aumento de 0,98% de área em relação ao anterior, refletindo o avanço da cultura sobre as áreas de várzea, em rotação com a cultura de arroz e de pastagem. Visando se proteger de novas perdas, agricultores também têm aderido ao seguro agrícola, e relatos apontam que a adesão à ferramenta aumentou substancialmente.

Goiás: o plantio, que foi iniciado em fins de setembro, foi suspenso ou sofreu redução no ritmo na maioria das áreas devido à estiagem verificada nas segunda e terceira semanas de outubro. A umidade remanescente no solo manteve o desenvolvimento das plantas, mas a combinação de céu claro com temperaturas diurnas em elevação, quando as plantas se encontravam em emergência e nas fases iniciais do desenvolvimento vegetativo, trouxe alerta quanto à necessidade de replantio. Porém, o retorno das chuvas, a partir do dia 20, afastou a possibilidade de replantio, a não ser em áreas pontuais, e permitiu que os produtores voltassem às operações de plantio. A semeadura atinge 41% da área estimada de cultivo, 19 pontos percentuais abaixo da safra passada, e deve avançar rapidamente, para não perder a janela ideal de plantio do milho segunda safra.

Distrito Federal: os produtores aguardam melhores condições de umidade no solo para iniciar a semeadura da nova safra de soja. Os plantios realizados, até o momento, foram realizados em áreas irrigadas.

Minas Gerais: a soja vem ganhando espaço, principalmente em áreas antes cultivadas com milho e feijão de primeira safra. Também, áreas de pastagem têm sido incorporadas. Assim, espera-se um aumento de 5,7% na área semeada. Em alguns locais, lavouras semeadas no início do período chuvoso estão sob restrição hídrica, o que já deixa os produtores apreensivos. Com isso, o plantio nessas regiões foi interrompido, aguardando a melhora das condições de umidade no solo, o que deve atrasar um pouco em relação às últimas safras. Com o retorno das precipitações na última semana, os produtores intensificaram o ritmo do plantio, que se encontra atrasado em relação à safra passada, com 27,5% já semeado, contra 40% da safra passada.

São Paulo: o excesso de chuvas, no início da janela de semeadura na

região, atrasou a colheita dos cereais de inverno e, conseqüentemente, retardou a semeadura da oleaginosa. O cultivo da soja vem aumentando significativamente no estado, tanto em áreas de pastagem degradadas como em áreas onde os produtores estão substituindo o cultivo da cana-de-açúcar pelo sistema de cultivo de grãos, intercalando a oleaginosa cultivada na primeira safra com a sucessão por milho. Para esta safra é previsto o plantio de 1.271 mil hectares de soja, 4,6% superior ao da safra passada.

Bahia: no extremo-oeste baiano, a cultura da soja esteve sob o regime de vazio sanitário até 7 de outubro, permitindo o plantio no dia 1º de outubro para os produtores que realizaram a solicitação de antecipação, mediante cumprimento de medidas contra a ferrugem asiática. A semeadura foi iniciada nessa data em áreas irrigadas, e, com as poucas chuvas ocorridas no final do mês, as áreas de sequeiro começaram a ser semeadas. Os produtores aguardam a regularização do período chuvoso para intensificar o plantio da cultura. A maior parte da área plantada está em desenvolvimento vegetativo, apresentando boas condições fisiológicas, com colheita prevista para janeiro de 2023.

Maranhão: com o bom volume de chuvas registrado no último decênio de outubro, o plantio da soja foi iniciado, e cerca de 3% da área total já foi semeada em municípios da região dos Gerais de Balsas e de Porto Franco, no sul maranhense, maior região produtora da cultura no estado. O plantio deve intensificar-se com a maior regularidade das chuvas e com o fim do vazio sanitário, ainda vigente em algumas regiões. Nas microrregiões de Caxias, Chapadinha e Baixo Parnaíba Maranhense, no leste maranhense, o plantio inicia em dezembro de 2022, ocorrendo até fevereiro de 2023.

Piauí: com a estabilização das chuvas na região, teve início de semeadura,

atingindo cerca de 3% da área total em algumas áreas do sudoeste piauiense, onde já se registra umidade do solo em níveis mais elevados. Há uma expectativa de aumento de 7,3% na área cultivada.

Tocantins: o plantio teve seu início em meados de outubro, nas áreas de várzeas do estado, e avançou de acordo com as precipitações. Até o momento, 20% da área já foi semeada, contra 40% da safra passada, e esse número irá aumentar rapidamente com a estabilização das chuvas. As lavouras estão em boas condições, visto que a maioria se encontra na fase inicial de desenvolvimento. Nesta safra, o estado terá um aumento significativo da área cultivada, motivada pela abertura de novas áreas e conversão de pastagem degradadas em lavouras. É esperado o cultivo de 1.270 mil hectares nesta safra, 10,9% superior à anterior.

Pará: o plantio está bem avançado na porção sudoeste do estado, região de influência da BR-163, estando com bom desenvolvimento. Esta região responde por cerca de 14% da safra do estado. Já a região sudeste, porção extremo-sul do estado, continua com instabilidade nas chuvas, com áreas chegando a interromper o plantio. Isso poderá ter atrasos na janela de plantio do milho segunda safra. O extremo-sul do estado é a região que mais tem sofrido com a falta de chuvas e atraso no plantio. A semeadura ultrapassou os 7%. Quanto à região do polo Paragominas, as áreas já estão sendo preparadas para início da janela de plantio, em meados de dezembro. Esta região responde por quase 50% da soja produzida no Pará.

Rondônia: as chuvas iniciaram na janela correta de semeadura e manteve-se com regularidade. Em muitas fazendas a semeadura está avançada, se comparada à safra passada. A cultura se apresenta em fase inicial de desenvolvimento vegetativo.

Amazonas: no levantamento em questão foram identificados duas regiões

no Amazonas com atuação no cultivo da soja, sendo o mais expressivo o da região da calha do Rio Madeira, com 4,4 mil hectares cultivados. Em seguida temos a região da calha do Rio Purus, com 2,2 mil hectares de soja. A maioria das áreas visitadas tiveram sua época de plantio retardada em virtude do atraso no regime de chuvas, que não vieram logo após o fim do vazão sanitário, em 15 de setembro. Houve relatos de necessidade de replantio de 250 hectares em Humaitá devido à falta de chuvas. Até a data final do levantamento praticamente todas as áreas indicadas no levantamento já haviam sido semeadas devido ao retorno das chuvas. A alta precipitação e insolação favorecem o bom desenvolvimento vegetativo da planta da soja e minimizam os efeitos negativos da ausência de cobertura vegetal em áreas de primeiro plantio.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2022/2023											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR*	Norte de Roraima	M/C	C							S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
RO	Leste Rondoniense		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	S/E	S/E/DV	DV/F	F	EG/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				

continua

UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2022/2023												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
MG	Noroeste de Minas		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C					
SP	Itapetininga	S	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C					
PR	Centro Ocidental Paranaense		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C						
	Norte Central Paranaense		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Oeste Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Paranaense		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	SC	Oeste Catarinense	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C				
		Norte Catarinense		S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C				
Serrana			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C				
	Nordeste Rio-grandense		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C				
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C				

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (*) - Safra 2021/2022

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2021/22

O último relatório da Conab de setembro de 2022 trouxe uma estimativa de exportação, no período de janeiro a dezembro de 2022, de 78,26 milhões de toneladas. Segundo o Ministério da Economia, a soma das exportações de soja em grãos de janeiro a outubro de 2022 foi de 74,83 milhões de toneladas, faltando 3,44 milhões de toneladas a serem exportados nos dois meses restantes de 2022.

A demanda e preços internacionais elevados em 2022 deram sustentação às exportações brasileiras. Por este motivo, e considerando os dados mais recentes da Secex, as exportações de soja em grãos passam a ser estimadas em 79,22 milhões de toneladas.

Além do alto volume de exportação de soja em grãos, as exportações de farelo e de óleo de soja também estão elevadas. Preços internacionais altos, margem de esmagamentos positivas, redução do percentual de biodiesel ao diesel, demanda internacional aquecida e quebra de safra na Argentina foram os principais motivos das altas exportações destes subprodutos.

Assim, a estimativa de exportações para 2022 de farelo de soja passa de 19 milhões de toneladas para 19,95 milhões de toneladas, e a de óleo de soja passa de 2,1 milhões de toneladas para 2,53 milhões de toneladas.

A estimativa de estoque inicial de óleo de soja em 2022 foi ajustada para 492 mil toneladas, e o estoque final para 422 mil toneladas, seguindo as estimativas disponibilizadas pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove).

Para isso, em 2021, foi reduzida a estimativa de produção de óleo de soja para “outros usos” - óleo de soja não usado para produção de biodiesel como consumo humano indústrias de alimentos e outros usos - em 368 mil toneladas. Com isso, a venda de óleo de soja no mercado interno passa de 8,01 milhões de toneladas para 7,64 milhões de toneladas.

A venda no mercado interno, em 2022, de farelo e óleo de soja também sofre ajuste estatístico, passando de 18,34 milhões de toneladas para 18,10 milhões de toneladas para venda de farelo do mercado interno, e de 7,47 milhões de toneladas para 7,45 milhões de toneladas para o óleo de soja.

Também em 2022, os estoques de farelo passam de 1,71 milhão de toneladas para 1,21 milhão de toneladas, motivado por uma maior estimativa de exportações para o produto.

Com as modificações relatadas, o processamento (esmagamentos) de 2022 passa de 48,8 milhões de toneladas para 48,98 milhões de toneladas, e os estoques finais de soja em grãos passam de 4,32 milhões de toneladas para

3,19 milhões de toneladas, com redução de 1,1 milhão de toneladas em relação ao último levantamento.

SAFRA 2022/23

Para a safra 2022/23, a Conab estima um aumento de área em relação ao relatório passado, conseqüentemente, a estimativa de produção de soja em grãos para 2023 passa de 152,35 milhões de toneladas para 153,54 milhões de toneladas.

Em razão do aumento de área e produção há necessidade de um ajuste estatístico para a estimativa de perdas e sementes de 27 mil toneladas. Também há um aumento na estimativa de exportação de soja em grãos de 575 mil toneladas.

Há, também, um aumento estatístico de esmagamentos provocado pelo aumento de estimativa de consumo de óleo de soja para outros usos no ano de 2023. Por este motivo, houve um aumento da estimativa de produção de farelo e óleo de soja.

Por fim, motivado principalmente por um menor estoque inicial, a estimativa de estoques finais de soja em grãos para 2023 foi reduzida em aproximadamente 1,09 milhão de toneladas.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2021/22	8.851,3	125.549,8	500,0	134.901,1	52.483,6	79.224,4	3.193,1
	2022/23	3.193,1	153.538,2	500,0	157.231,3	55.323,0	96.623,8	5.282,5
FARELO	2021/22	1.772,8	37.488,7	4,1	39.265,6	18.100,0	19.951,6	1.214,0
	2022/23	1.214,0	39.462,2	5,0	40.681,2	18.900,0	19.000,0	2.781,2
ÓLEO	2021/22	492,0	9.897,0	20,0	10.409,0	7.454,7	2.532,0	422,3
	2022/23	422,3	10.419,5	50,0	10.891,7	8.621,7	1.800,0	470,0

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em novembro/2022.

Estoque de passagem: 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

3.051,5 mil ha

+11,4%

PRODUTIVIDADE

3.114 kg/ha

+11,1%

PRODUÇÃO

9.500,9 mil t

+23,7%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 722,5 mil t

PRODUÇÃO 9.500,9 mil t

IMPORTAÇÕES 6.100 mil t

16.323,4 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 12.289,7 mil t

EXPORTAÇÕES 2.700 mil t

14.989,7 mil t

ANÁLISE ESTADUAL

Paraná: a cultura foi prejudicada por excesso de umidade, registrado ao longo de outubro e setembro de 2022, o que tende a diminuir a qualidade do respectivo produto colhido. Parte do produto colhido de lavouras que receberam chuvas nas fases de maturação/colheita apresentaram queda na qualidade do produto. Os excessos de precipitações registrados em setembro e outubro de 2022 estão atrasando/prejudicando as operações de colheita destas lavouras de trigo paranaense.

Rio Grande do Sul: em termos gerais, a maioria das áreas está com 55% em maturação e 32% em enchimento de grãos. As condições climáticas têm favorecido a manutenção do potencial produtivo elevado.

As lavouras até então colhidas vêm confirmando tal potencial. Diante disso, estima-se um aumento na produtividade média em 3.186 kg/ha. Nas regiões de São Borja-Itaqui, Alto Uruguai e Missões ampliam-se as áreas em maturação e colheita, esta é a região onde a colheita avança mais rapidamente.

O clima tem favorecido, e os rendimentos obtidos são satisfatórios, acima

de 55 scs/ha. A qualidade do grão colhido é boa, com registros de PH acima de 80, com destino à panificação. Nas duas últimas semanas do mês houve interrupção da operação de colheita devido a chuvas. No Alto Uruguai, o PH dos grãos vem variando entre 78 e 81, sendo a qualidade e produtividade das lavouras variantes por fatores climáticos, como as geadas pontuais e acamamento pelo vento, e tecnológicos, como o uso de sementes salvas de baixa qualidade. Na maior parte das lavouras, as condições são boas e as espigas apresentam elevada granação.

No Planalto Superior, onde o pacote tecnológico utilizado pelos agricultores é superior ao restante do estado, foram realizadas aplicações preventivas de fungicidas que reduziram a incidência de giberela, mantendo a expectativa positiva quanto à qualidade do grão.

No Leste do Planalto, os volumes de precipitação observados não foram tão altos e não se observam perdas de produtividade, até o momento. No Planalto Superior ainda restam algumas áreas com 5% em florescimento, mas a maioria das áreas está com 93% em enchimento de grãos e 2% já atingiram a maturação. A colheita não iniciou nesta região. As espigas apresentam boa sanidade.

Na Metade-Oeste do Planalto Médio, as lavouras estão progredindo para a fase final de maturação dos grãos, e a colheita já ocorre em algumas áreas. No Planalto Médio foi registrado granizo nos dias 10 e 11 de outubro, causando perdas consideráveis em algumas áreas, porém estas áreas são pouco representativas dentro do todo da região. Os agricultores acionaram o seguro das áreas atingidas e aguardam a contabilização das perdas. Nesta região a colheita já iniciou, porém de forma tímida, apenas 2% da área foi colhida, até o momento.

Na Metade-Sul do estado, a maioria das lavouras transita entre floração e enchimento de grãos, com potencial produtivo excelente. Há registros de precipitação abaixo da média durante o mês, que poderá comprometer o rendimento das lavouras, caso não chova suficiente nas próximas semanas. A alteração da área se deve à atualização por parte dos informantes, especialmente nas regiões de Passo Fundo, Lajeado e Bagé.



Foto 7 - Trigo Irrigado - Araguari-MG

Fonte: Conab.

Santa Catarina: as estimativas indicam um aumento de 40% na safra deste ano em relação ao ano passado, tendo como base a área plantada de 137,6 mil hectares. Contudo, as geadas tardias, chuvas intensas e falta de luminosidade podem comprometer a produtividade e a qualidade do grão.

As chuvas deram uma trégua na última semana de outubro, permitindo um pequeno avanço na colheita, esta dependente, além das condições das plantas, da umidade do solo para entrada das colhedoras. As condições das lavouras variam muito dependendo do estágio fenológico. As que estavam em floração durante as chuvas ocorridas nos últimos dias houve incidência de giberela, o que deverá resultar em perda de qualidade dos grãos. As que estavam em maturação avançada, a umidade persistente provocou, em alguns casos, a geminação do grão na espiga, além do acamamento em

algumas áreas. Assim, há perdas, tanto quantitativas como qualitativas em lavouras no estado.

Outros estados produtores de trigo, como Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul e Bahia já encerraram suas colheitas.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões-	Trigo - Safra 2022											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	C			
GO	Leste Goiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
SP	Itapetininga				S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Serrana					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semearia; (S)=semearia; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

Em outubro de 2022, as atenções estavam todas voltadas para o clima. As chuvas ininterruptas no Paraná, comprometendo tanto a qualidade como a

quantidade do trigo colhido, atuaram como principal fator altista das cotações. Com isso, o trigo gaúcho, que até então não havia sido prejudicado, acabou também sendo beneficiado. No Paraná, a média mensal do trigo pão PH 78 foi cotado a R\$ 95,42 a saca de 60 quilos, apresentando valorização mensal de 2,6%, e no Rio Grande do Sul a R\$ 93,81 a saca de 60 quilos, com valorização de 0,6%.

No mercado internacional, apesar das incertezas em relação ao desfecho da guerra no Mar Negro e da demanda internacional muito ativa, a média da cotação mensal apresentou desvalorização devido à alta do dólar em relação às demais moedas, que diminuiu a competitividade do trigo norte-americano e, conseqüentemente, interfere nos embarques de trigo do país. Diante desse cenário, a média mensal FOB Golfo apresentou desvalorização de 15,9%, sendo cotada a US\$ 376,51 a tonelada.

Foram importadas 297,6 mil toneladas de trigo, 20,3% a menos que no mês anterior e 42,5% a menos que no mesmo período do ano passado. A redução observada se deve à expectativa de uma safra recorde nacional, dessa forma, diminuindo a necessidade de importações. Do total importado, 41% é de trigo argentino, 34% dos Estados Unidos, 10,9% da Rússia, 8,7% do Uruguai e 5,6% do Paraguai.

Para a safra 2022/23, que foi iniciada em agosto de 2022, foram revisados os números relativos ao quadro de oferta e demanda, no que se refere à produção, que passou de 9.359,9 mil toneladas para 9.500,9 mil toneladas, bem como o consumo interno, no que se refere ao uso para sementes. Com a consolidação dos dados supracitados, devemos encerrar a safra com estoque de passagem de 1.333,7 mil toneladas.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014	2.764,1	5.971,1	5.328,9	14.064,1	10.652,2	1.680,5	1.731,4
2015	1.731,4	5.534,9	5.517,6	12.783,9	10.312,7	1.050,5	1.420,7
2016	1.420,7	6.726,8	7.088,5	15.236,0	11.470,5	576,8	3.188,7
2017	3.188,7	4.262,1	6.387,5	13.838,3	11.244,7	206,2	2.387,4
2018	2.387,4	5.427,6	6.738,6	14.553,6	11.360,8	582,9	2.609,9
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021*	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	12.049,8	3.045,9	722,5
2022**	722,5	9.500,9	6.100,0	16.323,4	12.289,7	2.700,0	1.333,7

Legenda: (*) Estimativa.

(**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2022.

Estoque de Passagem: algodão, arroz, feijão e soja: 31 de dezembro; milho 31 de janeiro; trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

SORGO

Bahia: no centro-norte e centro-sul baiano, o cultivo da primeira safra ainda não foi iniciado, pois as chuvas esperadas para meados de outubro não foram suficientes, dessa forma, iniciará em novembro de 2022, e sua colheita está prevista para iniciar em fevereiro de 2023.

No centro-sul, a tendência é de utilização de quase toda a produção como forragem e apenas 10% da área da safra anterior pode ser considerada como sorgo granífero. O cultivo é realizado com sementes híbridas e sementes salvas da safra anterior, não havendo acesso a crédito rural e nem a seguro agrícola, o custeio é realizado com recursos próprios.

Para o sorgo segunda safra no extremo-oeste baiano, 2022/23, está previsto para iniciar a semeadura em março de 2023, com a colheita prevista para iniciar em junho de 2023. Seguindo a evolução da cultura nos últimos anos e considerando a expectativa da instalação de uma usina de etanol de milho e sorgo, espera-se um aumento de área e produtividade do sorgo produzido na mesorregião Extremo-Oeste.

Maranhão: em municípios da região dos Gerais de Balsas, no sul do estado, a cultura é semeada em fevereiro e março, com a probabilidade de ser implantado como segunda safra. As lavouras apresentam áreas de plantio de 9,9 mil hectares. A produtividade média prevista é de 2.219 kg/ha.

Pará: o sorgo é um cultivo de segunda safra. A região de Paragominas é a principal produtora, seguida da região sul do estado. A intenção de plantio para a nova safra dependerá também da concorrência com o gergelim e o milho safrinha. Porém, a expectativa é de crescimento acima de 5% da safra passada.

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: o comportamento climático de outubro foi excelente para a cultura do amendoim. Apesar da regularidade e volumes de chuvas acima do normal, os solos da região produtora possuem textura mista, o que favorece o retorno das máquinas a campo após as precipitações. Assim o preparo do solo, semeadura e desenvolvimento inicial das plantas ocorreram de forma satisfatória, encerrando o período com pouco mais da metade da área estimada já instalada.

A semeadura segue em bom e adequado ritmo e condições, devendo ser concluída até o final de novembro. As lavouras estão apresentando excelente desenvolvimento vegetativo e baixa incidência de pragas, constatadas pulverizações pontuais para controle de tripes e vaquinha nos primeiros talhões implantados no início de outubro.

A redução da área estimada com amendoim é decorrência da forte desvalorização da cotação do grão no período de colheita da safra passada, bem como da baixa recuperação, até o momento, além da elevação nos custos de produção. Outro fator que dificulta a expansão do cultivo no estado é a falta de empresas para receber e processar o produto, necessitando levar a safra para São Paulo, gerando a cobrança de ICMS na operação, reduzindo os lucros.

Paraná: a maior parte deste cultivo, até o momento, apresenta um bom desenvolvimento, porém tendo em vista os excessos de precipitação, registrados em outubro de 2022, parte desta leguminosa apresenta um desenvolvimento que é considerado regular. A quase totalidade dos cultivos dessa cultura é de baixa tecnologia.

Minas Gerais: a semeadura nas áreas de algodão no estado ainda não se iniciou. A expectativa é de aumento nas áreas plantadas, principalmente no pontal do Triângulo Mineiro. Também é esperado um aumento na produtividade nessas áreas, já que se tratam de áreas de maior nível tecnológico, principalmente no uso da leguminosa na rotação de culturas nas áreas de renovação das soqueiras de cana-de-açúcar. A expectativa é do crescimento de 7,5% da área plantada em relação à safra passada, e de 5,2% em relação ao levantamento anterior.

São Paulo: na safra anterior, as condições climáticas foram desfavoráveis à cultura do amendoim. A safra atual começou com as chuvas em setembro, ideais para a semeadura. Com os efeitos da La Niña mais brandos, o regime de chuvas deve aumentar, beneficiando o desenvolvimento vegetativo da cultura. Assim, é esperado um aumento de produtividade de 10% a 15% devido às melhoras das condições climáticas.

Existem dois perfis de produção do amendoim em São Paulo: o primeiro em áreas de reforma de cana e de pastagem, e o segundo mais especializado em áreas dedicadas à cultura. No oeste paulista, parte das áreas arrendadas para o amendoim estão no segundo ciclo de produção (segundo ano de arrendamento), portanto deverá ocorrer um aumento de produtividade nessas áreas. Esses produtores também costumam fazer binômio entre amendoim e mandioca.

Para o produtor, o amendoim de boa qualidade é exportado ou utilizado para semente, e o com menor qualidade é vendido para a indústria para transformação em óleo. Até o momento, as exportações aumentaram em 10% em relação ao ano anterior. Com o conflito na Ucrânia, os volumes exportados para a Rússia e Ucrânia, dois grandes importadores, reduziu em 20% e 50%, respectivamente. Em contrapartida, os volumes para Reino Unido, Espanha e Turquia, triplicaram. Os preços tiveram uma grande queda em abril, quando os produtores estavam colhendo a safra anterior, mas em agosto os preços voltaram a subir, deixando o produtor confiante para plantar a nova safra. Com a menor oferta e aumento da demanda nesse final de ano, o preço do amendoim deve aumentar, e as exportações devem continuar em bons patamares.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica								
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra - Safra 2022/2023						
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Araraquara	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Assis	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Bauru	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Marília	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Presidente Prudente	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Ribeirão Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	São José do Rio Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

GERGELIM

Pará: o gergelim será um grande concorrente do milho segunda safra na região sudeste do estado, pois teve números muito satisfatórios na safra 2021/22. Muitos produtores aderiram à produção de gergelim, e um comércio do produto foi se consolidando nas principais regiões produtoras. Para esta safra espera-se que novas áreas sejam ocupadas com a cultura, e estas cresçam muito em relação à safra passada. Há possibilidade de aumento de 50% em relação à safra 2021/22.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: o cultivo de girassol acontece principalmente na região das Missões, Alto Uruguai e oeste do Planalto médio. Também é nestas regiões que estão as unidades receptoras da produção que se destina, principalmente, a produção de óleo culinário e alimentação animal. A cultura está 66% em desenvolvimento vegetativo, 30% em floração e 4% em enchimento de grãos. Com o clima favorável e chuvas regulares evolui conforme o esperado. Não há registros de danos por pragas, doenças e intempéries climáticas.

MAMONA

Bahia: a mamona é cultivada na mesorregião Centro-Norte do estado, porém muitos municípios produtores são localizados na mesorregião Centro-Sul. Espera-se a manutenção de 60% das lavouras cultivadas na safra 2021/22 e a renovação de 40% para a safra 2022/23. As áreas que serão mantidas passam por intenso estresse hídrico, já ocorrendo a senescência das folhas. Espera-se que, com a chegada das chuvas em novembro, haja a recuperação das lavouras. As áreas de renovação, em substituição às lavouras depauperadas e às áreas em pousio, deverão ser cultivadas em novembro com a regularização das chuvas. Há uma pequena parcela de cultivos irrigados que obtém maiores

produtividades e conseguem um ciclo mais longo.

Os cultivos são realizados por médios e pequenos produtores, com utilização de sementes híbridas, de variedades produtivas e resistentes a estresse hídrico desenvolvido pela Embrapa. O preparo do solo e os plantios são mecanizados, a colheita é manual e o debulhamento das bagas é mecanizado.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a colheita da aveia avançou significativamente durante outubro, e alcançou 26% da área. Todavia, em razão das temperaturas abaixo da média histórica em praticamente todo o ciclo da cultura, a operação está atrasada em relação à safra anterior. Agricultores relatam que a palha verde e úmida da cultura tem causado transtornos à boa evolução da operação. As precipitações volumosas que aconteceram no Planalto Superior ocorreram no período de enchimento de grãos, preocupando os agricultores quanto à manutenção da boa sanidade das lavouras e, conseqüentemente, a qualidade final do produto.

As precipitações no leste do Planalto Médio não foram tão volumosas na primeira quinzena do mês, mas os dias se mantiveram nublados, mantendo a umidade do ar alta e dificultando a secagem das folhas das plantas e, assim, atrasaram o início da colheita da cultura.

Nas regiões oeste do Planalto Médio, Missões e Alto Uruguai é onde a colheita está mais adiantada, e os agricultores obtêm produtividades boas. Observa-se a ocorrência de acamamento de plantas em algumas áreas, bem como incidência de ferrugem, fatos que impacta negativamente na produtividade e qualidade do produto colhido.

Em geral, a condição das lavouras permanece boa, assim, apesar das perdas pontuais observadas, o potencial de rendimento instalado em virtude das

condições climáticas favoráveis em praticamente todo o ciclo da cultura fazem com que a produtividade esperada seja elevada.

Paraná: já foi realizada a colheita da maior parte das áreas. Esta cultura foi muito prejudicada por eventos de excesso de umidade, registrados ao longo de setembro e outubro de 2022, o que diminuiu a qualidade do respectivo produto colhido.

A maior parte da produção paranaense de grãos de aveia-branca já foi comercializada, uma vez que o destino principal deste cereal é a indústria de ração animal, enquanto que uma menor parcela é comercializada para a indústria de alimentação humana.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Aveia - Safra 2022									
		ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Centro Ocidental Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Norte Central Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
PR	Centro Oriental Paranaense		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Oeste Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Centro-Sul Paranaense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense		S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense			S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: os agricultores relatam um ano excelente para a cultura da Canola, visto que não houve danos significativos com geadas e outras intempéries climáticas, até o momento. As produtividades obtidas nas lavouras já colhidas ultrapassam as expectativas iniciais, e alcançam a média estadual de 1.510 kg/ha, 7,9% acima da média registrada na safra anterior e 7,6% acima do levantamento anterior. Isso se deve ao clima favorável ocorrido (poucas perdas na colheita) e ao pacote tecnológico aplicado às lavouras.

A canola tem ganhado espaço na rotação de culturas, principalmente como alternativa para controle de plantas daninhas que apresentam resistência a herbicida. Atualmente, a cultura se encontra com 11% em enchimento de grãos e 52% em maturação. A colheita segue em ritmo acelerado, e atinge 37% da área plantada, estimada em 54,4 mil hectares. Após a retirada da canola, na maioria das áreas, será implantada a soja.

Paraná: esta cultura foi muito prejudicada por eventos de excesso de umidade, registrados ao longo de setembro e outubro de 2022, o que diminuiu a qualidade do respectivo produto colhido. Assim, as condições desta brássica majoritariamente podem ser consideradas médias. Aproximadamente 32% da produção paranaense de canola já foi comercializada.

CEVADA

Rio Grande do Sul: esperava-se que em outubro a colheita da cevada iniciasse, porém, as temperaturas abaixo das médias históricas no trimestre agosto/setembro/outubro fizeram com que houvesse um pequeno prolongamento do ciclo da cultura e, assim, a colheita ainda não alcançou os patamares esperados.

Apesar de terem ocorrido geadas nas regiões produtoras, os danos relatados são pontuais e pouco impactam a expectativa de produção do cereal. As precipitações foram bem distribuídas ao longo do mês e não ocorreram de forma torrencial, dessa forma, agricultores estão com expectativa de colherem um grão de ótima qualidade, fato que poderá refletir em bonificações no momento da comercialização do produto.

Santa Catarina: a melhoria das condições climáticas dos últimos dias vem favorecendo as lavouras de cevada na região, embora as precipitações excessivas e longos dias de molhamento e nublado possam ter afetado a qualidade de algumas lavouras, principalmente as que estavam em floração, fase mais suscetível ao desenvolvimento de fungos da espiga, como a giberela. Contudo, como a cultura ainda se encontra em granação, há perspectiva de manutenção do potencial produtivo, caso as condições climáticas se estabilizem nas próximas semanas.

TRITICALE

São Paulo: o período de frio em agosto e setembro atrasaram a maturação do grão, e as chuvas também atrasaram a colheita. As áreas de triticale no estado são pequenas, e não foram observadas variações na produtividade desse grão.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

